

ISCTE  **IUL**
Instituto Universitário de Lisboa

Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Antropologia

Por Caminhos da Água:
costumes, saberes e hidráulica no Alentejo rural

Daniel Luís Rocha Freixa

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Antropologia

Mestrado em Antropologia: Turismo e Património

Orientador:
Doutor Francisco Oneto,
Professor Auxiliar do Departamento de Antropologia,
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2011

Por Caminhos da Água



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Antropologia

Por Caminhos da Água:
costumes, saberes e hidráulica no Alentejo rural

Daniel Luís Rocha Freixa

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Antropologia

Mestrado em Antropologia: Turismo e Património

Orientador:
Doutor Francisco Oneto,
Professor Auxiliar do Departamento de Antropologia,
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2011

Por Caminhos da Água

Ao José Saramago,
A Carneus.

AGRADECIMENTOS

Ao Jorge Macau e ao José Manuel Pinto, membros da direcção da Associação Social Unidos de Santana do Campo. E à Isaura Serra, presidenta da Junta de Freguesia de Arraiolos. Sem os seus interesses na etnografia e história em Santana do Campo, Ilhas e Arraiolos, este trabalho não teria existido.

À Tânia Evaristo, adjunta de direcção da Pousada N^a S^a da Assunção, por conceder a investigação sobre as infra-estruturas hidráulicas do antigo convento.

A todas as pessoas que aceitaram participar neste trabalho, contribuindo com as suas memórias e saberes, formal e informalmente.

Ao meu orientador, Francisco Oneto, pela inspiração, atenção e apoio.

Às pessoas que me aturaram durante esta fase de estudos. Sabem quem são.

RESUMO

Através das memórias recolhidas na investigação etnográfica, são contempladas relações humanas com a água num local da região Alentejo, a freguesia de Arraiolos – que inclui a aldeia das Ilhas e a de Santana do Campo – numa época em que as fontes, poços, chafarizes, lavadouros, eram utilizados no quotidiano. Algumas destas infra-estruturas hidráulicas mencionadas são observadas com vista a um inventário que valorize as suas memórias. São apontados estudos antropológicos sobre a água para contextualizar a pesquisa etnográfica e também algumas escolhas teóricas. Por último, é apresentada uma breve reflexão sobre a história hidráulica no Alentejo e algumas questões sobre a água que estão na ordem do dia no intuito de obter um contributo para uma ética das relações com a água e a natureza.

Palavras-chave: Água; Etnohidrologia; Hidráulica; Alentejo.

ABSTRACT

Through the memories collected in ethnographic research, human relations with water are covered in Arraiolos parish – that includes Ilhas and Santana do Campo villages – in a time when springs, shafts, fountains, wash tanks, were used in everyday life. Some of these hydraulic infrastructures mentioned are observed in order to appreciate an inventory of yours memories. Anthropological studies have pointed out over the water to contextualize the ethnographic research and also some theoretical choices. Finally, a brief reflection on history of hydraulic in Alentejo and some water issues that are on the agenda in order to obtain a contribution to an ethical relationship with the water and nature.

Key-words: Water; Ethnohydrology; Hydraulic; Alentejo.

ÍNDICE

Agradecimentos.....	V
Resumo e Abstract.....	VII
Índice de infra-estrutura hidráulicas.....	XI
Introdução.....	1
1. ÁGUA E ANTROPOLOGIA.....	3
1.1. Antropologia, Água e Alentejo.....	3
1.2. Orientações teóricas adoptadas.....	7
2. POR CAMINHOS DA ÁGUA.....	9
2.1. Memórias da água na freguesia de Arraiolos.....	9
2.1.1. Relações humanas num panorama hidrográfico.....	9
2.1.2. Conhecimentos ecológicos tradicionais: etnohidrologia.....	14
2.1.3. Água em costumes populares e mágico-religiosos.....	22
2.1.4. Gestão popular de fontes e águas domésticas.....	29
2.1.5. As águas na imprensa local e nas tomadas de decisão.....	33
2.2. Apontamentos para um inventário hidráulico.....	41
2.2.1. Arraiolos.....	41
2.2.2. Ilhas.....	60
2.2.3. Santana do Campo.....	66
3. NASCENTES D'ÁGUA.....	79
3.1. Água, Alentejo e hidráulica.....	79
3.2. Clamor da água.....	81
Conclusão.....	85
Fontes.....	87
Bibliografia.....	89
Anexo A (Barragens da freguesia de Arraiolos).....	93
Anexo B (Reprodução da aguarela de Dordio Gomes intitulada «Noite de São João»).....	95
Anexo C (Aparelho de elevar a água na Praça da República).....	97
Anexo D (Fonte da Arregaça).....	99
Anexo E (Identificação das infra-estruturas hidráulicas na carta militar).....	101

ÍNDICE DE INFRA-ESTRUTURAS HIDRÁULICAS

2.2.1 Arraiolos	41
I Fonte da Pedra.....	41
II «Complexo» da Praça da República.....	44
III «Complexo» do Cabouco.....	45
IV «Complexo» da Manizola.....	46
V Fonte da Arregaça.....	47
VI Lavadouro do Olival.....	50
VII «Complexo» dos Lóios.....	51
VII.I Fonte do Gregório.....	51
VII.II Lavadouro dos Lóios.....	52
VII.III Chafariz da Cornaga.....	53
VII.IV Fonte do Claustro.....	54
VII.V Cisterna.....	55
VII.VI Fonte de Nossa Senhora da Conceição.....	56
VII.VII Fonte de São João.....	57
VIII Fontainhas.....	59
2.2.2. Ilhas	60
IX Fonte Nova.....	60
X Lavadouro Público e Chafariz.....	61
XI Fonte do Valbom.....	62
XII Fontanário.....	64
XIII Fonte das Francas.....	64
XIV Poço nos Ferragiais.....	66
2.2.3. Santana do Campo	66
XV Fonte do Povo.....	67
XVI «Complexo» dos Fontanários.....	69
XVII Pocinhas.....	72
XVIII Tanque do Povo.....	74
XIX Ponte da Norata.....	76

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma recolha etnográfica – das relações humanas com a água num tempo em que eram utilizadas no quotidiano as arcaicas infra-estruturas hidráulicas – no âmbito da freguesia de Arraiolos através de um estágio profissional que me foi concedido na Associação Social Unidos de Santana do Campo, entre Março de 2010 e Fevereiro de 2011.

Na primeira parte debruçamos-nos sobre uma selecção de estudos antropológicos onde se focou a água; as particularidades regionais do Alentejo com referência às suas características físicas; e o quadro da estratificação social num passado que foi vivido pelos idosos de hoje. Estes são assuntos tomados como relevantes para uma compreensão antropológica dos pontos tratados através da investigação etnográfica. É também uma tentativa de análise do contexto em que se insere este estudo. Além disto, são indicadas orientações teóricas adoptadas.

Depois entramos na descrição etnográfica sobre as relações humanas com a água; lidamos com fragmentos culturais. É prestada atenção às dimensões sociais e culturais relacionadas com a água que nos ajudam a enquadrar e compreender os usos quotidianos das infra-estruturas hidráulicas inventariadas da freguesia de Arraiolos. Para tal, fui indagar alguns dos mais idosos do local, para que através das suas memórias possamos aprender como percepcionavam e se relacionavam com as águas antes de haver abastecimento de água canalizada aos domicílios e deste modo como usavam as fontes, poços, chafarizes, tanques, nascentes, cursos de água e as águas domésticas. De seguida apresentam-se apontamentos para um inventário de infra-estruturas hidráulicas do local.

Por último, são evocadas experiências da relação humana com a água no contexto do uso quotidiano das arcaicas infra-estruturas hidráulicas no local, comparando com marcos significativos da história hidráulica da região. E, finalmente, seguimos uma perspectiva global sobre a água doce, deparamos-nos com o sentimento de habitar um planeta, onde a água é sensível, delicada e clama pela nossa atenção.

1. ÁGUA E ANTROPOLOGIA

Talvez a divindade fosse a Natureza – seu espírito incorporado em formas naturais como a vegetação e as águas correntes do mundo.

SIMON SCHAMA, 1996: 256 (ênfase do autor)

Nesta parte debruçamos-nos sobre uma selecção de estudos antropológicos onde se focou a água; as particularidades regionais do Alentejo com referência às suas características físicas; e o quadro da estratificação social num passado que foi vivido pelos idosos de hoje. Estes são assuntos tomados como relevantes para uma compreensão antropológica dos pontos tratados através da investigação etnográfica. É também uma tentativa de análise do contexto em que se insere este estudo. Além disto, são indicadas orientações teóricas adoptadas.

1.1. Antropologia, Água e Alentejo

Em etnólogos portugueses da segunda metade do século XIX e inícios do XX, encontramos uma atenção prestada às relações humanas com a água no contexto nacional e em comparação com as recolhas etnográficas nos outros centros universitários estrangeiros.

Um desses etnólogos, Consiglieri Pedroso tem estudos sobre tradições nas comemorações do São João e repara na relação destas tradições com as crenças populares nas «mouras encantadas», as quais «são divindades femininas das águas, análogas às *nixen* germânicas e às *rusálki* eslavas.» (1988: 123, ênfases do autor) Este autor adverte para poderes atribuídos à água na noite de São João: «As superstições, que se referem à água, são ainda mais variadas e mais geralmente acreditadas e seguidas.» (1988: 116). Descreve uma operação ritual – para cura de crianças quebradas que ocorria nesta noite – que nos interessa¹.

Outro etnólogo dessa época, Rocha Peixoto, escreve também sobre o São João e as crenças populares nas propriedades «fecundadoras, divinatórias e salvadoras» da água nessa noite: «Na superstição actual é sagrada a água, da meia noite ao romper da alva, e, portanto, incorruptível; pão amassado nela dispensa o fermento; [...] e entre todas as virtudes mais

1 Este assunto é abordado na secção 2. Por Caminhos da Água, ponto 32.

maravilhoso é ainda o seu poder divinatório.» (1990: 58)

Observa pois que «antes de nascer o sol aparecem nas fontes as mouras encantadas, estendendo meadas ou penteando os cabelos de ouro e cantando.» (Peixoto, 1990: 59) Estas divindades aquáticas que aparecem na noite de São João, ajudam-nos a compreender a cosmologia em vigor no passado recente que é retratado neste trabalho por meio de fragmentos culturais; e uma vez que temos duas referências ao São João em Arraiolos, uma é a fonte de São João do antigo convento dos Lóios e outra é a cura da quebradura na noite de São João na Fontainhas que hoje apenas existe imortalizada em tela e aguarela pelo mestre Dordio Gomes (1890 - 1976).

Continuando nesta época a que aludimos, Leite de Vasconcelos, dedica largas páginas ao estudo de tradições populares relacionadas com vários fenómenos físicos, entre os quais a água, abordando portanto o modo como o povo encarava a natureza, permitindo-nos entrever uma natureza da água no mesmo sentido dos anteriores autores citados: «A água dorme todas as noites, e na meia-noite do S. João está benta.» (1986: 105); deixa-nos incontáveis adágios sobre a água; discorre sobre várias tradições, os tipos e os nomes de fontes e poços, etc. Baseando-se em autores que «assinalaram muitas e importantes nascentes» menciona:

Surgem inúmeras fontes de água potável por Entre-Douro-e-Minho, por Trás-os-Montes, e pela Beira-Alta e Baixa, como terras montanhosas e graníticas; essas províncias não têm porém nascentes tão abastosas como as que se encontram na Beira Ocidental, na Estremadura, no Alentejo e no Algarve, onde a natureza do terreno é outra. (1980: 30)

Com esta citação ficamos com um dado curioso: apesar da aridez que caracteriza a região alentejana, havia nela nascentes de qualidade «abastosas», ou seja, com água potável e em abundância. Aponta ainda o mesmo autor a busca de água como uma actividade de carácter primitivo: «os povos antigos procuravam estabelecer-se perto da água.» (1982: 109); e no subsolo a água era procurada por peritos conhecidos pelo nome de vedores: «o povo diz que os vedores têm vista fina e certo dom para adivinhar onde há veios de água.» (1982: 109)

Nestes casos vistos até aqui a atenção centrava-se sobretudo nos aspectos do folclore.

Numa obra magna de etnografia sobre o Alentejo dos alvares do século XX, Silva Picão não descarta uma atenção às relações humanas com a água, descreve a labuta das mulheres em buscas de água para lavagens de roupas e da liberdade que tal lhes conferia, tece argumentos sobre a influência da chuva ou da sua falta nas searas e também a importância de como se deve preparar a terra tendo em conta as águas pluviais e a drenagem, entre outros assuntos relacionados. Refere que «de Verão a água escasseia em quase toda a parte, encontrando-se apenas de longe em longe nos *pegos* das ribeiras maiores, num ou noutra poço e nas nascentes que regam as hortas.» (1983: 16, ênfase do autor) Ajuda-nos, portanto, a compreender melhor algumas características físicas da região que estavam associadas às relações humanas com a água numa época em que não haviam barragens nem represas, fazendo com que, nesse contexto, ter um poço que não secasse no verão fosse considerado uma riqueza:

Como nota significativa da escassez e apreço da água nas terras transtaganas, basta dizer que certas herdades que não têm água dentro pagam foro ou pensão a outra vizinha onde há poços, e que por seu turno estão sujeitas ao encargo de admitirem a beber os gados que naquelas pastam. (1983: 38)

Além de descrever os métodos de obter água, regista ainda aspectos de costumes e hidráulica:

Por qualquer processo que a água se tira vai toda depositar-se em tanques ou lagos, de onde se solta uma ou duas vezes por dia no tempo do estio, para regar as tabuadas, canteiros e leiras em que se divide a terra preparada. À água que sobeja das regas dá-se-lhe saída para fora, indo afluír aos ribeiros. (Silva Picão, 1983: 39)

Seguindo uma corrente próxima da etnográfica, Orlando Ribeiro é elucidativo sobre a relação dos povos com a água, desde as noras e policulturas de regadio herdadas dos árabes, às regas comunitárias com raízes milenares, às barragens e represas que a partir de 1950 se começavam a construir no Alentejo, e com referência para as relações sociais, nenhum destes assuntos escapa à sua lente. No mesmo âmbito, Mário Nunes Vacas tece considerações sobre a água como uma das causas relacionadas com a distribuição da população, e faz-nos

vislumbrar a estratificação social na região alentejana da primeira metade do século XX.

Num livro dedicado às tecnologias hidráulicas, os etnólogos Jorge Dias e Fernando Galhano são minuciosos na descrição, para além de corroborarem a proveniência árabe das noras e das rodas hidráulicas, prestam uma atenção em particular às «barragens alentejanas modernas». Mencionam que «durante muitos anos, a chamada irrigação do Alentejo foi várias vezes debatida por políticos e reformadores idealistas.» (1986: 34) E referem que tais estruturas hidráulicas devem-se à iniciativa de particulares para valorizarem as suas propriedades:

[...] aproveitando terrenos que pela sua topografia possam servir para armazenar as águas pluviais do inverno, desde que se lhes feche, por meio de uma barragem, o escoamento natural, obtêm-se represas capazes de, em anos normais, regar durante o verão áreas de terreno consideráveis. (1986: 35)

Muitas águas haviam de correr debaixo das pontes. Com a reforma agrária por toda a região alentejana que se seguiu ao histórico 25 de Abril, muitas terras subaproveitadas passaram para a posse das então criadas «unidades colectivas de produção» (UCP/cooperativas agrícolas) que incrementaram a produção agrícola, e as barragens e represas de que a região beneficiou pouco tempo antes, alimentaram as culturas de regadio (Lino de Carvalho, 2004). Estes actos revolucionários na região marcaram também um ponto de transformações na rígida e diversificada estratificação social (José Cutileiro, 1977 e Maria Antónia Pires de Almeida, 2006) intimamente ligada às relações sócio-económicas que se decidiam na posse de terra – e ao mesmo tempo da água – por uma elite minoritária que contrastava com as suas clientelas quase sempre sem-terra. No entanto, com a contra-reforma agrária que ocorreu a partir da tomada de posse do I Governo Constitucional, de Mário Soares, algumas das barragens e represas viram as suas funções passar gradualmente das actividades agrícolas, para a predominância das actividades pecuárias ou outras ainda não fosse a persistência de pescadores desportivos estariam ao abandono até ao presente, pelo menos no Alentejo Central, em Arraiolos. Estes tempos inquinaram as águas, mas a estagnação destas actividades nos sectores primários trouxeram alguma resiliência.

1.2. Orientações teóricas adoptadas

Reflectindo nos estudos de Claude Lévi-Strauss, na introdução ao *Ensaio sobre a dádiva* (1925) de Marcel Mauss, coloca uma tónica nas questões das técnicas da moldagem social do corpo que Mauss realçou como importante objecto antropológico, e cita exemplos: «A posição do homem na micção; a preferência por se lavar na água corrente ou na água estagnada, sempre viva no hábito de fechar ou deixar aberta a torneira de um lavatório enquanto a água corre, etc., tantos exemplos de uma arqueologia dos hábitos corporais [...]» (2001: 12)

Estas considerações a respeito do corpo e dos gestos foram relevantes na orientação da investigação etnográfica. Uma outra noção que ajudou a situar a investigação, foi enunciada por Cristiana Bastos, que repara que não fazemos antropologia «da água», mas a partir da água. Trata-se de através das relações humanas com a água podermos «pensar a complexidade da vida social e os veios de abordagem que a tornam inteligível.» (2003: 4) A autora citada escreve no começo do século XXI sobre o mote «usos sociais da água», menciona o percurso histórico da disciplina e refere que são outros os tempos.

Surgiu uma problemática que se prendia com a investigação etnográfica dos saberes transmitidos entre gerações sobre o meio-ambiente físico, em particular sobre o elemento água e seus usos sociais (sua percepção, seus valores), e a hidráulica. A resolução foi encontrada, continuando nos tempos contemporâneos, em Fikret Berkes que definiu «conhecimento ecológico tradicional», definição controversa por causa da noção de tradicional, a qual estava conotada com uma noção estática, o autor desconstrói essa noção para encarar a noção de tradicional como uma coisa dinâmica. Observa que a tradição é feita através da experiência prática e é complexa. Uma das questões nucleares é sobre como o conhecimento é adquirido e transmitido. Aponta os atributos mais salientes do conhecimento ecológico tradicional como: «*a cumulative body of knowledge, practice, and belief, evolving by adaptive processes and handed down through generations by cultural transmission, about the relationship of living beings (including humans) with one another and with their environment.*» (2008: 7, ênfase do autor)

Com este meandro de assuntos que a investigação foi desenrolando e expostos de acordo com a afinidade ao tema, segue-se a segunda secção em que a narrativa é a menor possível, no intuito de que os participantes entrevistados tenham voz activa, bem como os demais documentos e objectos possam falar por si próprios.

2. POR CAMINHOS DA ÁGUA

O mundo, com todo este seu peso, esta bola sem começo nem fim, coberta de mares e de terras, toda esfaqueada de rios, ribeiras e regatos, a escorrer a aguazinha clara que vai e volta e é sempre a mesma, suspensa nas nuvens ou escondida nas nascentes por baixo das grandes lajes subterrâneas [...]

JOSÉ SARAMAGO, 2008: 177

A água é um bem essencial na vida humana, usada de acordo com as experiências culturais. Vamos prestar atenção às dimensões sociais e culturais relacionadas com a água que nos ajudam a enquadrar e compreender os usos das infra-estruturas hidráulicas inventariados da freguesia de Arraiolos.

2.1. Memórias da água na freguesia de Arraiolos

Fui indagar alguns dos mais idosos do local para que através das suas memórias possamos aprender como percecionavam e se relacionavam com as águas antes de haver abastecimento de água canalizada aos domicílios e deste modo como usavam as fontes, poços, chafarizes, tanques, nascentes, cursos de água e por aí adiante.

2.1.1. Relações humanas num panorama hidrográfico

1. A freguesia de Arraiolos tem uma área de 147,4 km², tinha 3599 habitantes em 1991 e 3549 em 2001¹, situa-se cerca de 20 km a norte de Évora, no Alentejo Central. O clima é mediterrânico e por isso árido e seco no verão. Estamos na bacia hidrográfica do rio Tejo. A água ocorre aqui à superfície em diversos cursos de água, nascentes, fontes, poços, chafarizes e barragens. A estes lugares estava ligada uma malha humana como vamos descortinar. As fontes públicas para abastecimentos de água estão afastadas dos aglomerados populacionais, apenas há a exceção na aldeia das Ilhas. Estas fontes perderam as suas funções ao longo da

1 Informações recolhidas no portal: <http://www.jf-arraiolos.pt/> (acedido em 23/7/2011), no mesmo documento é indicado que o concelho de Arraiolos perdeu nos últimos sessenta anos 5532 habitantes.

segunda metade do século passado. As chuvas começam a partir de Setembro e chegam a prolongar-se até Maio, sendo a sua frequência e intensidade variável – o que era motivo de apreensão numa sociedade agrícola –, mas os meses de mais chuva são os de inverno. *Janeiro afogou a mãe num ribeiro e Fevereiro num outeiro* (Ti Coelho), significa que em Fevereiro é suposto as terras estarem cheias com água. A recolha das águas pluviais por meio de vários recipientes ou reservatórios para diversas utilizações era e é ainda uma prática comum.

2. Temos a Ribeira do Divor que atravessa toda a extensão da freguesia, é o principal e o único curso de água que fica com alguns pegos de água durante o verão, bem como tem vários moinhos hidráulicos e açudes na parte mais próxima de Arraiolos e Santana do Campo. Os restantes cursos de água secam durante o estio. A Ribeira do Divôr conta com oito afluentes principais, são eles: a Ribeira das Figueiras, a Vala dos Alendros, a Ribeira dos Serrões, o Barranco do Poço do Mato, a Ribeira do Cabido, a Ribeira da Barroca, a Ribeira de Fretos e a Ribeira de Arraiolos – que nasce na zona de Arraiolos conhecida por Hortas, uma zona repleta de poços e regatos² – que conta com os afluentes: Ribeira da Adua, Ribeira do Gafanhão, Ribeiro do Ratão, Ribeiro da Pastaneira, Ribeiro de Bolelas³. Os moinhos hidráulicos são os seguintes: Moinho do Nobre, Moinho dos Mogos, Moinho do Na[...], Moinho da Liberdade, Moinho do Rebocho, Moinho do Ferro, Moinho da Calha, Moinho da Viuva do Nobre, Moinho do Poeira, Moinho do Rafael, Moinho do Barrocas; outros: Moinho da Mãe d'Água, Moinho da Madragoa, Moinho do Valentim, Moinho da Lapa, Moinho do Ramos. A maioria destes moinhos já não existe, uns estão em ruínas, mas outros são habitação e outros são bucólicas residências turísticas. A maior parte dos pegos tinha nome, por exemplo o Pego das Carôchas era um dos usados pelos rapazes para tomarem banho. Na Ribeira do Divôr pescava-se sobretudo barbos e enguias, tanto pelos moleiros que apanhavam quantos exemplares queriam, como pelos homens das localidades, normalmente em grupos, apesar de ser proibido, chegavam a fazer sargalhetas (paródias) nas margens da ribeira, pescavam com dois métodos: 1) «pesca à lapa», consistindo em apanhar os peixes à mão nas físgas das pedras; 2) com bolas de lama e rabação (uma planta letal se ingerida), trituravam e moíam as

2 «Há nos Coutos 29 quintas ou hortas, a maior parte com águas em abundância, já de fontes de pé, já de poços de nora, as quais produzem toda a casta de hortaliças.» (Cunha Rivara 1985: 63)

3 Informações retiradas da Carta Militar de 1973, bem como alguns nomes dos moinhos que se seguem.

raízes da planta, depois com o lodo que apanhavam do fundo dos pegos amassavam tudo muito bem, em seguida faziam bolas do tamanho de laranjas e mandavam-nas para dentro dos pegos com as águas paradas, batiam a água e ao fim de cerca de uma hora apareciam os peixes à tona da água de boca aberta e assim faziam grandes pescarias.

3. Próximo de Arraiolos está a nascente do Rio Almansor, que tem como afluentes ainda na freguesia a Ribeira da Balanqueira e o Ribeiro das Pedras. Este rio passa em Montemor-o-Novo com um considerável caudal e é no seu curso que está agora a Barragem dos Minutos, entre Arraiolos e Montemor-o-Novo. Na Herdade das Coelhas, na zona de Santana do Campo nasce a Ribeira da Murteira. Perto da Aldeia da Serra nasce a Ribeira da Cré. Todas estas águas que nascem na Freguesia de Arraiolos, inclusive a Ribeira do Divôr, correm para o Rio Sorraia e deste vão desaguar ao Rio Tejo.

4. As barragens e represas na Freguesia de Arraiolos começaram a ser construídas a partir da década de 1960 com o objectivo do regadio⁴. Até 1973 (Carta Militar) contam-se uma dúzia destas infra-estruturas e dessa data mencionada até ao presente contam-se mais quarenta e cinco, o que perfaz uma média de pelo menos uma por herdade⁵. Os nomes atribuídos às barragens são geralmente os nomes das herdades onde elas se localizam; também verificamos que muitas destas barragens estão localizadas em lugares onde estavam nascentes, fontes e poços, submergindo-os, mas nestes casos ficando-lhes com o nome. Estas barragens são na esmagadora maioria privadas; actualmente utilizam-se mais para gado beber do que para a agricultura de regadio; os pescadores de achigã, chichito e carpa na primavera e verão «invadem» algumas delas. Próximo de Santana do Campo há uma barragem camarária que auxilia os furos artesianos da rede de abastecimentos de água da aldeia. Esta proliferação de barragens está no começo de uma alteração gradual das relações humanas com a água, por exemplo quanto à regularidade com que os homens passaram a tomar banho e as mulheres a terem água disponível para lavagens de roupa, bem como outros trabalhos no campo e estes estavam a reduzir a mão-de-obra devido à mecanização das alfaias da lavoura.

4 Ver Jorge Dias (1986) «Barragens alentejanas modernas».

5 No Anexo A pode ler-se uma lista com os nomes das barragens e onde se estabelecem referências das relações humanas com as águas nesses lugares.

5. A Barragem do Divor fica fora da freguesia de Arraiolos, no entanto é incontornável porque é a maior do concelho, foi a primeira na zona a ser construída em 1964 e está situada no início da Ribeira do Divor. A agricultura de regadio que se pratica com a sua água foi responsável pela eutrofização das águas da ribeira devido aos *inputs* e desde o início ameaçou os ecossistemas ripícolas e matou enormes quantidades de peixes, vejamos a seguinte descrição: «[...] *quando a barragem [do Divor] foi feita, foi ali ao Vale Melão, tudo além, que foi os arrozos todos, agente chegava ai à ribeira [...] teve aí, o primeiro ano que foram esses arrozos, cá está a plantação do arroz, as químicas, foi tudo, desde da Cerâmica, tudo, aí à Igreja, esses campos todos aí, o peixe, assim que chegou o verão, começaram a deitar lá as químicas, o peixe morreu todo, todo, todo, agente não era capaz de chegar aí à ribeira a cheirar mal, chegava a ter três e quatro metros de peixe tudo morto, tudo à roda dos pegos, peixe mas era peixe nesse tempo, tudo dois, três, quatro, cinco quilos, barbos que era um disparate... morreu, nunca mais a ribeira teve esse peixe, nunca mais!» (Ti Carrasqueira). Entretanto, estas áreas agrícolas que o Ti Carrasqueira menciona já não são cultivadas com a mesma intensidade com que foram e como também observa agora a água da Ribeira do Divor está mais limpa, apesar de observar que as águas das ETAR's da freguesia desaguam nela e não ter peixes como havia. O Ti Coelho mencionou projectos entretanto arquivados para a construção de canais navegáveis que revolucionariam a agricultura no Alentejo⁶.*

6. Havia fontes, poços, chafarizes e nascentes quase em todos os cabeços. Muitas destas águas desapareceram de vista porque ficaram cobertas por silvas devido ao fim generalizado das actividades rurais, apenas uma por outra é ainda mantida por um ou outro pastor que teima em ir beber dessas águas, contudo são casos raros, como raros são os trabalhos e actividades rurais que ainda existem. No tempo em que as pessoas trabalhavam no campo não havia outra água além da água das fontes e nascentes dispersas nos cabeços, estas eram mantidas cuidadosamente pelas pessoas e havia quanto à manutenção um respeito que todos acatavam. Estas fontes dispersas pelo campo eram então muito apreciadas, as suas águas eram boas e frescas, mas esta situação mudou com as agro-químicas industriais utilizadas para

6 Estes projectos são mencionados na imprensa local: «Do "Imparcial de Arraiolos", de 30 de Março de 1898: IRRIGAÇÃO DO ALENTEJO: Parece que o govêrno pensa em fazer passar na presente sessão legislativa o projecto de lei que autoriza a construção do canal que, ligando entre si o Tejo, Guadiana e Sado, produzirá a irrigação do Alentejo.» (Nun'Alvares, nº 9, 29/3/1935)

exterminar pragas que se começaram a vulgarizar, por exemplo no combate à praga do burgo que atacava azinheiras, Ti Possidonio repara que «[...] *à volta de 45 anos veio um tratamento para o burgo, chamava-se o burgo que é um coiso, que é uma teia, da bolêta... foi essa cura, foi essa cura nunca mais as águas ficaram boas!...*». Havia outro factor a ter em conta, devido a que essas nascentes e fontes eram todas chafurdas, isto é, as pessoas chegavam com a mão à água: «[...] *de inverno a água começava logo a correr não é?, no verão não, normalmente essas fontes, raramente corre água, só se for alguma que tinha um nascente melhor se não, não corre e fica lá a sujidade das mãos lá dentro...*» (Joaquim Augusto) se a pessoa não tiver cuidado. Com a passagem dos anos e o enfraquecimento das actividades agrícolas na freguesia: «[...] *um homem há zonas [do país] que é um perigo até beber água, a não ser da rede, a não ser água curada. E agente aqui não, aqui qualquer fonte, qualquer sítio se bebe. O que é que aqui há? Olha, o arvoredado e o gado... nós aqui, da zona aqui do distrito de Évora, é do arvoredado, do gado e de umas searas de inverno, levam um adubo, uma coisa assim pouca, o mais, durante o ano, faça de conta que não é utilizada uma química e há zonas...*» (Ti Carrasqueira).

7. Outros topónimos relacionados com a água referenciados na Carta Militar mencionada, são: Poço Novo ou da Torre, Fonte das Perdizes, Água Boa (perto da Fonte da Pedra), Horta dos Banhos, Fonte da Mestra e Chafariz do Pinheiro. Destes apenas obtive informações sobre a Horta dos Banhos junto à qual está outra horta que é propriedade da Santa Casa da Misericórdia de Arraiolos onde há um tanque em que lavavam as roupas do hospital. Próximo de Santana do Campo, a noroeste, em parte da antiga herdade da Adua, jaz a Fonte Nova, em alvenaria, com data de 1899, da qual as gentes da aldeia usavam água.

8. A fonte que está em frente da ermida de Santo António, algumas centenas de metros a noroeste de Arraiolos, junto à N 370, chamavam-lhe Fonte Santa, bem como ao lugar, era Herdade da Fonte Santa. «[...] *a água aqui do Santo António já era boa, chamavam-lhe a Fonte Santa...*» (Ti Coelho). Cunha Rivara menciona uma romaria a esta ermida e que: «Quando a devoção esfriou e a concorrência ficou limitada aos interesses na feira concluiu-se que o sítio era incómodo.» (1985: 10) Não nos adiantando nada acerca desta fonte, apesar de poder ter havido alguma relação entre o nome da fonte e a romaria, bem como a localização

da ermida; Túlio Espanca (1975) menciona que esta fonte foi beneficiada no ano de 1950.

9. Um conjunto de figuras etnográficas do tempo do uso quotidiano das fontes estava marcadamente relacionado com a água, são elas: *vedores*, munidos de umas varinhas adivinhatórias eram mestres em descobrir água no subsolo; *guarda-rios*, como o nome indica eram autoridades responsáveis pelos principais cursos de água, por exemplo, asseguravam as limpezas⁷; *aguadeiros* e *aguadeiras*, ambos exerciam o trabalho de carregar água para outras pessoas beberem e cozinharem durante os trabalhos do campo, além disso, havia uma classe de aguadeiros cuja sua função era apenas carregar água para vender porta a porta na vila de Arraiolos – onde havia quem tivesse poços e cisternas, uns em pátios, alguns dentro das casas, uns com gargalo e outros rasos; as *mantieiras* (cozinheiras) fosse nos trabalhos do campo ou nos montes dos lavradores, também carregavam água; *cantoneiros*, eram trabalhadores responsáveis pela distribuição da água nas culturas de regadio; *lavadeiras*, classe de trabalhadoras cujo serviço era lavar e tratar de roupas; depois haviam almocreves, pastores, seareiros, caçadores e demais camponeses que eram assíduos frequentadores das várias fontes, poços, chafarizes e cursos de água. Podemos observar nesta descrição que as classes burguesas que habitavam em Arraiolos geralmente não carregavam água para os seus consumos, ao contrário das classes dominadas. Vimos também (ponto 4) que os proprietários de herdades valorizaram-nas com barragens a partir da década de 1960.

2.1.2. Conhecimentos ecológicos tradicionais: etnohidrologia

10. Em vários tipos de terras em que era reconhecida ou utilizada a água identificamos relações humanas específicas. Uma *lezíria*, junto da Ponte da Norata, nas margens de aluvião da ribeira fazia-se horta de regadio e pastavam cabras ou ovelhas entre os penedos nos terrenos altos e inclinados; as *várzeas* (ou vargens), algumas são cultivadas, outras não, são no geral zonas de aluvião, conhecidas por serem ambiente de ervas aromáticas e medicinais, por exemplo do tomilho; as *fragas*, são moitas de pedras (penedos) em ribanceiras, com matagal impenetrável, junto aos cursos de água; um *olharão*, é uma zona de terra húmida em vales

7 Os cursos de água secundários e mais pequenos que não estavam sob a alçada dos guarda-rios, eram limpos todos os anos antes das primeiras chuvas por iniciativa dos proprietários das terras que atravessavam (Ti Mariana dos Santos).

onde há em abundância juncos e plantas que vivem nesse ambiente como as mentas (por exemplo o poejo, tão conhecido e apreciado que é⁸), «*um olharão é donde está um arrebento, parece que havia de haver ali uma nascente [...] depois da terra tar tudo volto das d'avessas, charruada e isso tudo, via-se que aquela terra que era mais valente...*» (Ti Elisiário), nos mais húmidos plantavam *manuais*, isto é, uma policultura onde cresciam os meloeiros, os melanciais, e ainda searas de abóboras, mogangos e feijão-frade, durante a primavera e verão sem se recorrer ao regadio, pelo que estas são consideradas culturas de sequeiro, agora as tasneiras (com que rematavam os palheiros) no verão são como recortes verdes num solo matizado de amarelo torrado; *vale-do-salão*, são vales onde há uma terra barrenta (salão) do qual fabricavam o chão das casas (para concluir a obra convidavam «a família» da aldeia para um baile que era feito na casa onde se acabava de colocar o respectivo salão para que com os passos das danças o chão ficasse em condições). A qualidade das terras é perspectivada por *filões de terras*, os quais determinam a qualidade das águas, temos: *terras areentas*, terras de arenito ou saibro, a humidade custa a infiltrar-se e desaparece rapidamente; *terras centieiras*, onde cultivavam centeio, são terras fracas, calcárias e por isso fazem a água calcária; *terras barrentas*, uma terra com barro, são fortes, aguentam muito tempo a humidade. Numa comparação sobre a qualidade das terras à volta de Santana do Campo e de Arraiolos, Ti Coelho observa que: «*Aquelas terras mais direitas de serem encharcadas, das baixas, as águas não são tão boas... são terras com mais calcário, com mais... a água da chuva... são águas que vão acumulando, as outras passam, as águas dos altos são mais saborosas, tornam-se mais saborosas, tipo de serra não é...*». São comuns as analogias entre água e sangue para reflectir o valor de uma terra: «uma terra com água é uma terra com sangue», ou a metáfora: «essa terra tem sangue».

11. As apreciações populares de como as terras influenciam e determinam a qualidade das águas prendem-se com a qualidade dos filões de terras como acabámos de ver e com base na sensação do peso da água no estômago, ou seja se é leve ou pesada, o que consideram que se relaciona com a quantidade de calcário presente no solo e que a água absorve. Atribuem

8 Quando falei sobre um olharão ao meu amigo Zé Macau, ele retorquiu-me que há muito lhe intrigava o que seria e logo me conta um ditame que um homem de Arraiolos soltava no ambiente dos petiscos e paródias que os moleiros faziam, eis: Rica erva é o poejo/ que cresce nos olharões/ arregala-me o cu com um beijo/ e coça-me aqui os «tomates» (a palavra aqui para rimar seria colhões, mas o homem usando um tom irónico-jocoso dizia tomates).

alguns nomes a estas águas calcárias, por exemplo: «[...] a água nestas terras fracas é quase toda selitrosa, é, tem calcário...» (Ti Elisiário) e «[...] águas centieiras, já apanham daquelas terras brancas, a água era azulada... chamavam-lhe águas centieiras, a água era azulada...» (Ti Coelho). Noutro exemplo, reforçando a ideia do poder de absorção da água – como principal solúvel que é – há vários relatos em Santana do Campo que consideram que a água que corre na bica do Tanque do Povo vem contaminada pelo cemitério que está a montante em linha recta em relação ao tanque e recusam-se veementemente a beber dessa água, mas quem defende este facto considera que a água das Pocinhas não é afectada pelo cemitério, pois apesar da relativa proximidade a sua água vem doutro lençol freático. Concluimos que a água absorve e transporta consigo as qualidades das terras por onde passa.

12. A construção de barragens terá contribuído para que algumas fontes sequem: «[...] no meu modo de ver, muitas fontes lá da Herdade da Mata secavam porque as barragens que foram feitas apanhavam a água que fica por onde passavam os nascentes e depois a terra não apanhava água e de verão secavam-se as fontes, porque isso é terras fraquitas... em chegando o sol e coiso, aquilo a água desapareceu... antes de estarem as barragens feitas aguentavam, tão eu vivi lá trinta e tal anos... de verão, faziam-se as acêfas e iam-se aquelas fontes beber água... em se acabando a acêfa, algumas sempre secavam, mas quer dizer que não era assim bem como agora... secam porque opois a água que era para passar lá, pelo ponto dela, para repassar a terra, não vai lá, fica nas barragens...» (Ti Cerzeira). Devido a uma barragem construída a montante do Lavadouro do Olival: «[...] as águas estragaram-se, a água da barragem estragou a água da nascente... aquela humidade, aquela coisa...» (Ti Coelho).

13. Antes da generalização da utilização de agro-químicos industriais nas terras, haviam águas de nascentes muito apreciadas nestes lugares como já foi aflorado (ponto 6), bem como qualquer curso de água era considerado limpo no sentido em que se podia beber da sua água. A este respeito temos alguns adágios populares: *em Janeiro deixa a fonte e vai ao ribeiro* (Ti Mariana dos Santos), que significa que podiam beber água em qualquer ribeiro. Este outro adágio significa o mesmo: *água corredia não faz mal nem de noite nem de dia*⁹ (Ti Elisiário).

9 Água corredia,/ Não faças mal à minha barriga,/ Nem de noite nem de dia,/ Nem ao pino do meio-dia. (Leite de Vasconcelos, 1986: 105)

O Ti Rocha conta-nos uma estória sobre este tema em que um burguês da zona de Lisboa proprietário de várias herdades na freguesia de Arraiolos fica admirado com a atitude de um rural: *«O Zé Gordo ia à caça mais o Zé Manel de Melo e depois chegou-lhe sede, ó Zé Gordo, e prantou-se a beber num regato que tava a correr... e ele disse para o Zé Gordo, “ó Zé, ta tá a beber água aí? Num regato desses?!”, e ele voltou-lhe resposta, “Ó senhor Melo, água corredia, não faz mal nim de noite nim de dia!” E depois o Melo também lá bebeu, fiou-se na conversa do outro...»*; da mesma opinião é o Ti Cerzeira: *«[...] im qualquer lado bebia água, eu até nos barrancos bebia, queria lá saber!.. im a água tendo a correr... não havia químicos, um ribeiro que tivesse a água aí a correr limpinha, aquilo a água sabia que era uma maravilha!..»*. Uma água que corre é uma água limpa e boa para beber como querem sugerir estes adágios acima e estas experiências citadas. Contudo, tal passava-se numa época em que não havia inquinação provocada pelos agro-químicos industriais ou nitratos, etc., estas qualidades das terras e da água modificaram-se. Esta percepção qualitativa da água observa-se também sobre uma água parada: *«tá inchargada... pode tar inchargada, nã corre, tá ali presa... [...] é mais ruim!.. é como às fontes, im na 'tando a correr, éh, ela na corre!»* (Ti Rocha). Como se depreende, a água parada não é boa para beber e rejeitavam-na. O Ti Carrasqueira conta que *«[...] não há muito tempo, olha outro dia fui aos espargos aí, como ia aí pela ribeira abaixo, vinha do lado de lá além do Alcarou e há lá um sítio que 'tá sempre a correr água, mas tava cheio de lismos [espécie de algas] e de coisa, eu fiz um buraco ali assim na terra, tive par' ai um quarto de hora à espera que ela [a água] opois assenta-se, que a água fica turva de um homem mexer, assim que ela assentou, ficou além branquinha, foi aonde eu bebi, bebi lá... depois do fazer, até haver espargos, ia aos espargos, ia lá buer àquele sítio, tava ali branquinha, ali a correr e branquinha... [...] no outro tempo... agente ia aí à caça, ao trabalho, de qualquer regato se bebia, andava tudo limpo, cá tá o qu' é tou a dizer; bebia-se aí num regato, hoje não, tá tudo abandonado, tá tudo dado de cabo... [...] não há químicas, se houver químicas já não se pode fazer [o referido buraco] se não quando vai a ver tá a morrer, a buer veneno...»*.

14. Já foi mencionado (ponto 11) como uma apreciação da qualidade das águas se baseia na sensação do peso da água no estômago, mas outras impressões concorrem para determinar uma boa qualidade da água, como vimos (ponto anterior) se é água corredia ou parada.

Algumas apreciações sobre uma água boa para consumo humano andam em torno das noções de água limpa, asseada, fresca e leve. Considera-se que a água que reúne estas qualidades faz bom beber. Por exemplo: «[...] *água dentro das pedras tá sempre fresquinha, sempre boa, era o que era as Pocinhas, era só pedras, a água nascia ali por aquelas físgas...*» (Ti Rocha); «[...] *a água [da Fonte do Povo de Santana do Campo] era belíssima, a água era mesmo boa, tão agente távamos lá uma hora à espera que ela nascesse, duas ou três, távamos ali assintadinhas na barra, em ela nascendo enchíamos os cantarinhos e vínhamos embora... ela não criava uma terra, ela não criava nada, era boa!*» (Ti Ana Lagarto); «*Diziam que antigamente era uma água boa, boa mas boa [Fonte do Valbom]... tudo concordava com isso e cá está o coiso do povo vir aqui à água... o povo da Ilha de Baixo e daqui gastava tudo água daqui por causa da água ser boa... e até vinham mais aqui do que iam ali, porque aquela água além de ser água boa à mesma, diziam, eu não conheci assim muito bem, o gosto daquela água... das Francas? Das Francas, mas diziam que aquela água ali que era uma água, assim, não era tão leve como esta...*» (Ti Martinho do Carmo); «[...] *a água melhor, melhor, era considerada a melhor água, muito funda, sempre fresquinha, era aqui a da Fonte da Cornaga [...] era uma água levezinha, sempre fresquinha...*» (Ti Coelho); «[...] *dizem que no tempo desse velho de Melo, tinha lá vindo o coiso, o analisador ver a água, se ela desse até dava para ser feita água engarrafada, aquilo é do melhor que pode haver, foi analisada e tudo, chama-se a Fonte do Pinga... aquilo é um espectáculo de água, levezinha [...]*» (Ti Carrasqueira). Também se usa as noções de água mole e rija para definir as qualidades de uma água, a água rija «é viva» porque é corredia ou é tirada com frequência e a água mole «é morta» porque está parada ou não respira. Outra apreciação: «*Acho que o cântaro de barro é o essencial para isso, para usar a água! Vai se buscar às fontes é num cântaro de barro, se for num cântaro de lata... isso... pf.. ãh... nada p'ra conservar a água como é um cântaro de barro, é o que faz a água melhor é o cântaro de barro e p'ra se buer de um cântaro de barro... deixe que se tiver um cântaro de barro, bem como eu andei ai nos trabalhos, um cântaro de barro, havia outros, desses coisos de zinco como aqui à do Melo havia, com uma asa, agente prantávamos-os às costas, parecia que távamos lá no Forte de Caxias!, a carregar água... esses, im lá tando lá nas cócarias tudo corria aos cântaros da água e não iam buer daquela... aqueles cântaros [de zinco] criam sempre um coiso por dentro, um, um excesso de ferrugem, uma coisa qualquer e a pessoa vai ao cântaro de barro, esse é que faz um bom beber!... a*

água de uma bilha de barro, não queira saber!..» (Ti Elisiário).

15. Os animais e as plantas transmitiam às pessoas ensinamentos sobre as qualidades das águas, bem como presságios sobre o tempo. O Ti Sebastião, pastor na Adoinha, certa vez que estávamos conversando, estava a encher os gamelões de água para as ovelhas beberem, com uma lata retirava uma camada quase imperceptível que flutuava na água que já lá estava, a essa camada chamava *nata* e dizia que se não a retirasse as ovelhas recusavam-se a beber. Noutro exemplo: «[...] *só abelhas, era só abelhas a beberem água além das pedras* [da nascente das Pocinhas]... *agente ia lá tirar a água e elas era zzzzzz... lá é que iam beber, não bebiam no ribeiro, nem no tanque! As abelhas? Pois! Era lá de dentro do barranco da fonte é que elas bebiam...*» (Ti Rocha). Alguns exemplos comuns: há algumas águas em que aparecem por vezes sanguessugas, mas estas não afectam as águas, a pessoa que quer beber dessas águas usa um pano para coar (caso da água do Tanque do Povo de Santana do Campo); as rãs e as sarmantigas (salamandras) que vivem nas fontes e poços são bichos inofensivos para a água, apesar do repúdio que estes últimos provocam a algumas pessoas; as formigas-de-asas quando aparecem indicam chuva para breve; as andorinhas também podem anunciar chuvadas; as bibes vêm-se sempre em lugares encharcados em água, vivem do «sumo da terra», e é no tempo do gelo que chegam ao Alentejo. Nas plantas, considera-se que a avenca (que se dá nas paredes interiores dos poços e fontes) faz a água muito boa e diz-se que a água onde há avenca faz bom beber; os eucaliptos com a humidade arranjam chuva, aponta o Ti Coelho.

16. Alguns exemplos em que as condições meteorológicas transmitem presságios sobre o tempo: «...*se o vento der a volta aqui p'ra este lado* [poente], *chove mais... foge para o lado do sul já não chove tanto... esta parte daqui do norte para o lado do leste é mais seca, é uma zona que não adquire tanta humidade...*» e «[...] *as travoadas vêm sempre porquê?, é um ar provocado, é quando o ar dá a volta, é um ar provocado... [...] é por má condição do clima... quando o clima é estável não há trovoadas, tanto que as trovoadas não são boas, porque elas p'ra girar têm de trazer um vento próprio delas, se houver outro vento que consiga combatelas elas não... se a outra atmosfera conseguir combater aquele vento delas próprias, espalham-se e não se chegam a formar...*» (Ti Coelho); «*A geada desde que não levante até*

ao meio dia, cola-se ao céu, ela no lugar de derreter não derrete... em sendo uma geada muito forte, que odpois se comece a nublar, não haja dúvidas, no outro dia é água de certeza, não há hipótese...» (Ti Sebastião), é referido que esta chuva que vem nestas condições só pára quando muda a lua. Mencionam que havia pessoas antigas a saber ler os estados do tempo através de interpretações de sinais da lua, de sinais meteorológicos e de fenómenos atmosféricos. Um adágio fala dos anseios dos lavradores: *Inverno de Março e sêca de Abril deixa o lavrador a pedir* (Ti Rocha). A Ti Mariana dos Santos contou os seguintes: *Vento norte brabo ou trás chuva ou água no cabo;*

Lua nova trevojada	Em chovendo		
trinta dias é molhada	do lado do Suão		
se ao fim dos três	até as pedras	Nevoeiro na lama	Nevoeiro na serra
não for estiada;	amolecerão;	Chuva na cama;	Chuva na terra;

O arco-da-velha¹⁰ de manhã não engana ninguém → chove sempre
 e à tarde nunca vem em balde; → se chover é pouco

Está a chover e a fazer sol → quando normalmente se vê o arco-íris
 e as velhas a fazerem pão mole;

A velha esta noite peneirou bem! → quando de manhã está geada e nevoeiro

Há sol que rega Quando a puta escreve ao cabrão é água até mais não,
 e chuva que seca; quando o cabrão escreve à puta nunca a água vai ser muita.

Este último adágio diz respeito a um fenómeno atmosférico conhecido por *craveiro* que se observa mais no inverno, foi descrito como uma carreira de nuvens que no início é estreita e depois alarga, sendo que há craveiros machos e fêmeas, parece que a luz solar relaciona-se com a sua identificação.

10 Chamavam arco-da-velha ao arco-íris.

O Ti Rocha conta-nos ainda outros dois adágios:

Não pode haver sol na eira e água no nabal; → «*se assim fosse corria tudo bem*»

Às vezes dia de nevoeiro é dia de calmeiro.

17. Uma explicação da razão pela qual as casas no Alentejo são construídas nos cabeços: «[...] *as pessoas aqui no Alentejo faziam sempre as casas nos altos, muita gente não sabe porque é... para as casas não serem húmidas!... de verão tornavam-se mais frescas porque os ventos andam sempre pelos altos, um alto é mais fresco que uma cova, por causa dos ventos... e... por causa dos ventos tornavam-se mais frescas e de inverno não se tornavam tão alagadas, porque as águas sumiam, os altos secavam mais depressa que as baixas, e as casas nas baixas tornavam-se mais húmidas..*» (Ti Coelho). Acresce que eram materiais recolhidos no local, como pedra-broeira, salão (ponto 10) e pasto triturado – perfazendo a *taipa*, com que se fabricavam as casas – tinham capacidade de absorção e evaporação de água contribuindo assim para um micro-clima das casas.

18. A água é essencial na vida e a nossa saúde depende da água que bebemos, tanto que poderemos ouvir que água é sangue, é pois a seiva de toda a vida: «[...] *sem o líquido não se consegue passar, seja quem for... sem água morre um homem ou um animal acontece o mesmo, até os pulmões se pegam às costas dum homem ou dum animal qualquer, se passar sem o homem beber... sem o líquido não há nada que consiga sobreviver, ou coisa, um animal, uma formiga, uma abelha, tudo procura água... seja onde for! Atão é o coiso principal de tudo é a água, é a coisa mais principal que pode haver!*» (Ti Carrasqueira); «[A água] *tanto serve para matar a sede, como para refrescar, agente alaga-se em suor, agente se não bebe água, os poros da pele não abrem, se agente se habituar a beber muita água, os poros abrem, agente transpira, porquê? Porque é que nós transpiramos? É um órgão que agente temos no corpo, para a água girar dentro do corpo, para abrir os poros da pele, tanto que aquela pessoa que não bebe muita água não transpira, é seca!... depois não tem sede, é seca, até tem dificuldades, às vezes até o estômago, a fazer a digestão, éh!... porquê? Não ingere líquidos, precisa de ser ajudado com os líquidos...*» (Ti Coelho). Sobressai desta asserção final que a

água conforme gira e mistura (liga) no nosso corpo, também se separa, desliga, por exemplo através do suor, levando as impurezas do corpo.

19. Outras percepções da natureza da água serviam para ilustrar a vida quotidiana através de adágios, ditames ou adivinhas. Apenas se apresentam aqui aqueles que foram recolhidos durante a pesquisa etnográfica devido a que muitos, como por exemplo *chove a cântaros*, *águas paradas não movem moinhos* ou *a água não se nega a ninguém*, são por demais conhecidos do senso comum.

Qual é coisa, qual é ela, que quanto mais alta está melhor se lhe chega?
É a água do poço.

A Ti Mariana dos Santos contou os adágios:

Nunca digas desta água não beberei, deste pão não comerei.

Água benta e presunção cada um toma a que quer.

E as seguintes quadras soltas:

O tempo que t'eu amei, mais valia amar a água, a água passa e lava tudo, e o amor suja e não lava.	Água p'ra cima não corre, só se a levarem às costas, não andes com fingimentos, não é de mim que tu gostas.
---	--

2.1.3. Água em costumes populares e mágico-religiosos

20. Tomar banho quando apenas havia disponível a água das fontes públicas era costume cumprido apenas de longos em longos períodos de tempo¹¹. «*Isso [banhos], óh! Não era todos*

¹¹ Estes «longos em longos períodos de tempo» são assim designados em comparação com a escala de valores da sociedade ocidental contemporânea *mainstream*, cuja vida é fruída com disponibilidade de água para banhos diários.

os dias como é agora! Agora é todos os dias e nesse tempo, é lá ao sábado uma lavagesita... opois no meio da semana andávamos ao trabalho, lavávamos os pés e o corpo ficava p'ró outro sábado, assim é que era a nossa vida...» (Ti Ana Lagarto); Por causa «*De haver pouca água e era o hábito da pessoa que era assim, pronto, mais nada... pois, era o hábito da pessoa... a pessoa vinha do trabalho, lavava a cara, deitava-se e pronto e mais nada... no outro dia alevantava-se, alcofinha às costas e ia caminho do trabalho... atão, era assim é que era a vida... a pessoa vinha do trabalho, chegava cansado, lavava a cara, os pés e pronto e andar...»* (Ti Possidonio); «*[...] lembro-me da minha mãe deixar a água ao sol, num, assim num coiso, num alguidar e meter um lençol, um trapo de um lençol por cima, não havia plásticos e quando agente vinha tava capaz de tomar banho, tava quentinha, só que o banho era num alguidar, primeiro lavávamos assim, a cabeça não se lavava como se lava agora... primeiro lavávamos assim e opois lavávamos por baixo... e crianças, quem tinha muita criança, lavavam primeiro a mais nova da cintura p'ra cima, depois lavavam a mais velha... depois lavavam da cintura p'ra baixo... primeiro lavavam da cintura p'ra cima, com um trapinho, era assim...»* (Ti Mariana dos Santos); «*As pessoas praticamente só tomavam banho ao sábado à noite, durante a semana era lavar a cara e o pescoço e os pés e lá vai para o trabalho... ao fim de semana para ir para os bailes é que era banho geral... com um alguidar, uma bacia, metia-se um pé, depois metia-se outro pé... era só o sabão azul ou cor-de-rosa... era só sabão azul e água...»* (Ti Coelho); O Ti Rocha refere que: «*Uma pessoa andar sem lavar a cara anda mal, éh pá 'ta eu não lavei a cara, ando mal!*». Carregar água em quantidades suficientes para uma pessoa se lavar não era uma tarefa feita todos os dias, tanto pelo esforço e tempo que levaria, como por só haver a água das fontes públicas. Contudo, são mencionadas lavagens diárias à cara e aos pés. Estes costumes andavam mais relacionados com as influências religiosas do que propriamente à falta de água que sentiam no estio. Há o adágio: *a água passa lava tudo menos a ruim palavra.*

21. Em curas tradicionais a água tem presença central em tisanas, banhos, mesinhas, etc. O mestre José Salgueiro de Montemor-o-Novo (cidade vizinha de Arraiolos), alentejano de origens humildes, hoje um reconhecido ervanário com noventa e dois anos vividos, num passeio campestre de sábado de manhã, mencionou em assembleia que a água da torneira é o inverso da água da fonte, pelo que aconselha as pessoas a fazerem as suas tisanas em água de

fonte que seja pura. Há uma água que se encontra em alguns sobreiros, a que os homens quando andavam a tirar cortiça chamavam *vício*: «*A méra dos sobreiros é uma água escura que fica dentro dos sobreiros, nem é de todos, de alguns, de algumas sobreiras velhas [...] É assim... diziam que lavar onde tivessem cravos com aquilo, caiam... choveu de inverno, agora há-de haver sobreiras que têm lá tocos, taloquinhos que fica lá e opois a méra é... está em cóchinchos que há-de ter lá por dentro... no arranque das sobreiras é que se achava muito, quando se arrancavam... no fim da cortiça, havia sempre arranque de sobreiras velhas e essas sobreiras velhas é que era onde agente via a méra, era nisso... tinham lá tocos... é a tinta que sai da sobreira é que fica na água, opois fica escura, mesmo escura, mesmo escura...» (Ti Mariana dos Santos).*

22. Quando julgavam ter quebranto¹², recorriam a uma bacia com água onde deitavam gotas de azeite, depois conforme fosse a reacção do azeite na água se comprovavam as suspeitas, caso o resultado fosse positivo, então através de umas benzeduras à água e orações próprias procuravam espantar o mal. Havia muitas curas por meio de orações com a água.

23. De noite a água dormia, por isso quando queriam beber água durante a noite tinham que acordar a água: «[...] *quando agente bebe de noite, se tem sede de noite, nunca deve beber a água sem falar com a água... eu dizia sempre assim, água... mas eu perdi isso, nunca, nunca, nunca se deve de beber água de noite sem se falar com a água... água acorda... ou água tou aqui, quero beber... falar com a água, porque entravam espíritos com as pessoas se não falasse com a água, a água tá a dormir e os espíritos ruins vão se lá meter e se agente falar com ela espanta-os...*» (Ti Mariana dos Santos). O Ti Rocha mencionou que quando tinha sede de noite apenas abanava a água no copo «para a água não ir morta».

24. Quando aparecia o amola-tesouras diziam «temos água», «vai chover» ou «é dia de chuva». Aos dias que a chuva impedia os trabalhos no campo chamavam «dias cabaneiros» (Ti Rocha) porque ficavam em casa ou na cabana a ver chover.

12 A crença no mau-olhado nos povos indo-europeus e semitas não é universal, mas é das mais poderosas crenças populares destas culturas, segundo Alan Dundes (1980). Este autor menciona que uma das ideias subjacentes a esta crença é: líquido é vida; seco é morte. Outra ideia que o autor associa a estas sociedades é a de «bem-limitado», ou seja, os bens não chegam para todos, a balança vai pesar mais para alguém, originando inveja e com ela as calamidades.

25. Em alguns poços apareciam *Medos*¹³, por exemplo no poço dos Dentes, perto de Santana do Campo, e o Ti Rocha também contou que diziam que aparecia neste poço uma galinha com pintos.

26. Uma mulher de Santana do Campo esteve possuída por um espírito, veio um curandeiro de Estremoz para realizar o exorcismo, obteve sucesso e consta que esse espírito depois de sair da mulher pela unha de um pé foi colocado no mencionado poço dos Dentes. Por consequência deixaram de beber da água desse poço.

27. Sempre que morria alguém havia o seguinte costume de atirar fora as águas que se tinham guardadas em casa: «[...] *era as portas aonde passa-se o morto, despejava-se, aquela água aventava-se... era a vizinhança, tudo por onde passasse... eu despejava sempre a água, nim era capaz de beber a água... é uma ideia... fui criada naquilo, era aquela a tradição, eu nim era capaz de beber a água... im passando o funeral, despejava a água e ia encher os cântaros... hoje que há torneiras é que já... nasci naquilo e aquilo era tã forte a conversa... pronto... diziam que ficava lá o espírito, que pode ir a acompanhar a pessoa ainda e vai p'rá água, vai sempre p'rá água, sempre p'rá água...*» (Ti Mariana dos Santos).

28. Não raramente ocorriam suicídios em poços. Algumas centenas de metros a norte de Santana do Campo, há um poço chamado Poço do Chapanito porque um homem de apelido Chapanito lá se suicidou. Neste mesmo poço outro homem da aldeia se suicidou nele. O Ti Coelho observa que: «*Alguns até atavam pedras para não voltarem a aparecer... pedras ao pescoço... para ficarem no fundo do poço... para ninguém os ver, para desaparecerem, para ninguém saber deles...*», também contou que num poço público perto do Castelo, a sudoeste, se suicidou uma mulher e desde essa data nunca mais voltaram a usar essa água.

29. Ocorreram também homicídios junto a fontes, provavelmente por estas se situarem em

13 José Leite de Vasconcelos refere os «Medos» como seres sobrenaturais em *Tradições Populares de Portugal*, diz-nos que: «O snr. Coelho definiu muito bem o *Medo* assim: "é a personificação de tudo o que é vago, desconhecido e assustador. Nada há mais terrificante do que o Medo, pelo seu próprio carácter indefinido"» (1986: 319).

vales com arvoredo e um pouco distantes das povoações: *«no tempo... do... que os homens eram aquase como os bichos... um qualquer prantou-lhe uma porrada [a um padre] e matou-o lá na fonte, ficou a Fonte do Padre, que o padre era a essa fonte é que ia... isso é do melhor que pode haver d'água... ainda há poucos dias lá passei, que eu ando com um cantil... aquilo é uma água que é o fim do mundo!...»* (Ti Carrasqueira); no vale da Fonte Nova um homem assassinou outro à cerca de quarenta anos, relatam na vila e nas Ilhas que este acontecimento dissuadiu as pessoas de irem com a mesma frequência a esta fonte abastecerem-se de água.

30. No Domingo de Ramos (é o domingo antes da Páscoa) havia um costume dos seareiros irem com um ramo de alecrim à igreja mais próxima para os padres benzerem e borrifarem com água benta, *«[...] vinham com um ramo de alecrim, para virem benzê-lo à igreja, nessa água benta, com o padre nessa manhã a dizer uma missa e para os seareiros irem com aquele ramo binzido de água benta porem nas searas que era para a seara ser boa... faziam com uma cana, rachavam a cana e depois faziam a cruz com o alecrim, um pouco assim e outro assim... e opois metiam a cana na terra, ficava-se a ver além... aguentava-se até agente ir à acêfa...»* (Ti Rocha), assim afastavam pestes e outras calamidades e esperavam uma seara produtiva.

31. Na Segunda-feira de Páscoa (é a segunda-feira imediatamente a seguir à Páscoa) ainda é costume comer-se borrego assado junto de água, onde é passado um dia de regalo, mas está cada vez mais caduco este costume, pelo menos na freguesia de Arraiolos. Há entretanto tentativas das autarquias para reanimarem a lembrança deste dia na Barragem do Divôr com eventos como a música ao vivo e jogos tradicionais como o jogo da malha.

32. Dordio Gomes, pintor arraiolense ligado ao realismo, imortalizou numa pintura intitulada «Noite de São João»¹⁴ um ritual que tinha lugar nas Fontainhas. Este ritual foi identificado por Ti Coelho: *«...a das Fontainhas até havia uma tradição, aquilo era uma azinhaga, passava, não havia a estrada [N 4] ali pela aquele lado, passava por baixo para aquelas quintas... e*

14 Pode-se contemplar a referida pintura no Salão Nobre dos Paços do Concelho, para tal basta uma pessoa dirigir-se ao Posto de Turismo; e pode-se ver a reprodução do esboço em aguarela no Anexo B, onde está escrito na lápide da fonte C. M. A. FONTAINHAS e se pode identificar duas fases do ritual de cura de crianças quebradas.

atão aí havia uma tradição, qualquer rapaz que aparece-se com a érne [hérnia], iam buscar, iam buscar um ramo de vime [uma espécie de salgueiro], opois punha-se o padrinho de um lado e a madrinha do outro, aquilo era, rasgavam a vara ao meio e passavam a criança de um lado para o outro para curarem a érne, aquilo cicatrizava. Tradições que havia! Anos largos!.. aquelas tradições que havia!.. [...] Ouvi falar porque eu nunca a vi... primeiro era a madrinha a dar o afilhado ao padrinho, depois o padrinho dava o afilhado à madrinha... a criança era molhada naquela água e depois de tar molhado é que passava pelo meio do vime, diziam que cicatrizava a érne...»; A Ti Mariana dos Santos refere também que este ritual era para curar crianças quebradas (com hérnia) e acrescenta que: «[...] os salgueiros nem todos são vimes!.. havia um nã' sei aonde, havia outro nã' sei aonde... depois na pernada, metiam-se ao pé da árvore e aonde a pernada, aonde o vime abria punha-se um de cá e outro de lá e passavam a criança, passava o homem p'rá mulher e a mulher p'ró homem, mas não era pais nem mães, eram umas pessoas que fossem convidadas... era um Manel e uma Maria... pois mas eu não sei... é sempre num ribeiro... é sempre onde há água... os vimes...».¹⁵

33. Costume popular na Fonte de Nossa Senhora da Conceição¹⁶.

34. Quando tardava em chover e se afiguravam anos de seca, com a angustia de verem as culturas definhar, acudiam aos santos padroeiros e às entidades divinas. Nessas circunstâncias havia um costume de: «[...] mudarem os santos de um altar para o outro e mexerem nos santos p'ra chover... os santos, cada um de su' terra! “Ai não há meio de chover, temos que ir mudar os santinhos!” Lembra-me de ouvir isto às mulheres velhas... p'ra ver se chove... às vezes que era altura que devia de chover e não chovia...» (Ti Mariana dos Santos); «[...] além a Igreja do Senhor dos Passos, além do Castelo, iam mudá-lo para a Igreja da Matriz, p'ra chover... esse era uma data de gente, uns com ele às costas e muita gente atrás dele até à igreja, faziam aquilo [procissão] a ver se chovia... às vezes dava certo, chovia... outras vezes já não chovia, era conforme...» (Ti Rocha).

15 Os autores Rocha Peixoto (1990) e Consiglieri Pedroso (1988) têm textos relativos à Noite de São João. Nesta noite a água tem poderes, ambos referem. Este último autor descreve ao detalhe este ritual de que nos ocupamos, uma oração que era citada enquanto a criança passava de braços em braços através do vime e aponta que «se o vime solda as duas metades em que foi aberto e continua verde, sara a criança; se pelo contrário seca é porque a quebradura é incurável.» (1988: 119).

16 Ver 2.2. Apontamentos para um inventário hidráulico, entrada VII.VI.

35. Para acalmar e afastar trovoadas haviam orações, a Ti Ana Lagarto sabe as seguintes:

Mágnifa da Nossa Senhora
sendos forte e de era nobre
eu ouvi uma voz dizer
glória pátria da divindade
santa cruz que fica no meio
valha-nos as pessoas
da santíssima trindade

(Cantada, 1º)

Quem esta oração rezar
pois reze-a com devoção
não morra de água afogada
nem dum raio nem trovoão

(Cantada, 2º)

Trovoada vis vir
encostei-me ao trovisco
gritei por Santa Bárbara
e acudiu-me o Jesus Cristo

(Falada, último)

Jesus que é o santo nome Jesus
Santa Bárbara, santa salva,
santa salva de Jesus,
p'ra salvar as nossas almas
p'ra todo sempre, amem, Jesus.

(Falada, esta oração é ao relâmpago)

E a Ti Mariana dos Santos cantou a seguinte oração à trovoada:

1) A uma excelência (repete-se até às nove excelências)

Virgem mãe do Rosário
é de vossa excelência
ai Jesus tá clairo

2) Tá clairo tá aberto
saia o senhor fora
diga às trovoadas

que se vão embora (repete uma vez os dois últimos versos)

3) Abra o céu as portas
além vem Jesus
seus braços abertos
pregados numa cruz.

36. Outras precauções a ter com a trovoada: «[...] *trovejar, agente tar ao lume também não é bom... acode muito às chaminés...*» (Ti Rocha); as pessoas temem ser castigadas se não respeitarem a trovoada e aqueles que não as respeitam são considerados brutos e pode-lhes suceder a morte: «*O pai desse Recharto que faz aí as décimas... tava em cima dum palheiro [a tapar o palheiro], onde o palheiro é mais alto, tava a trovejar e a fazer relâmpagos e ele disse assim: “poupa-me lá aqui um fôrfo, acende lá aqui este cigarro”, não é que o outro relâmpago que veio a seguir caiu-lhe em cima! Matou-o! Isto era eu já grande. Isto foi... a maioria das pessoas não gosta de estar a ouvir [tais conversas a «fazer pouco»]... chama-se brutalidade... e tem morrido tanta gente com trovoadas... eu tenho respeito aquilo...*» (Ti Mariana dos Santos); O Ti Coelho relata que uma mãe muito devota dizia para o filho que fazia chacota dela que quando ele saísse da sua protecção lhe podia acontecer mal e não é que aconteceu: «[...] *cai lá uma faísca, pela chaminé abaixo, foi ao quarto onde ele estava [...] ao fim de três anos morreu...*».

2.1.4. Gestão popular de fontes e águas domésticas

37. As fontes dispersas nos cabeços andavam cuidadas, para tal mantinham-se práticas quotidianas de gestão popular: «[...] *no outro tempo era os ganadeiros, era o pessoal que trabalhava no campo, hoje ninguém trabalha no campo, não se alimpam as fontes, no outro tempo andava tudo limpinho, eram limpas todas as semanas pelo menos uma vez!... ali a água era despejada, era lavada por dentro, as pedras ali da parede, era limpinha, tava ali limpinha, tava lá um côcho, chamava-lhe agente um côcho ai da cortiça, pendurado num prego para agente beber, bebia-se da fonte, não chegavas a fonte nenhuma que não tivesse lá um côcho para agente beber e ali limpinha a correr...*» (Ti Carrasqueira); «[...] *nesse tempo andava-se por aí à caça e agente chegava a uma fonte e queria beber... [...] tínhamos sempre água nessas fontes, tavam limpas, arranjadinhas... [...] às vezes lá havia um ganadeiro ou outro que alimpava, agora já nem isso, os ganadeiros levam um cantil de água aqui de casa e p'ra lá andarem atrás do gado todo o dia e não limpam a fonte [...]*» (Ti Elisiário). Algumas destas fontes no campo eram construídas em alvenaria por seareiros.

38. No caso das limpezas periódicas em fontes públicas, prevaleciam os costumes consuetudinários: «[...] *era quem quisesse lá ir [Fonte do Povo], quem quisesse e tivesse consciência ia alimpá-la!.. se não tivesse bebíamos dela assim... mas a'gente ía, a'gente ia umas, “olha hoje vai esta, vai aquela, vamos alimpar a fonte”, andava caiadinha, andava toda arranjadinha, agora é que não, nada!..»* (Ti Ana Lagarto); «*A água é muita boa, muita vez nós limpávamos aquela fonte [do Povo], púnhamos lá caquéinhos brancos [pratos partidos], limpávamos a toda, ficava que era uma maravilha, limpinha!»* (Ti Perpétua); «*Era toda limpinha [Fonte do Valbom], era despejada, tiravam-lhe a água, lavadinha até lá ao fundo, limpavam o fundo, e depois deixavam-na criar água nova... cria sempre aquela natasinha, aquela coisa, tirava-se... [...] até havia uma tradição cá na fonte, vinham os dois povos [das duas Ilhas], uma tradição, num ano era um povo, no outro ano era outro, limpavam a fonte...»* (Ti Martinho do Carmo). Estas fontes mencionadas eram as principais para abastecimentos das pessoas das aldeias, por isso as barras das oliveiras que há junto da Fonte do Povo eram embelezadas com todas as variedades de flores que as pessoas dispunham, regavam e cuidavam e no pátio da Fonte do Valbom ainda há um vaso com flores. A este respeito, a Ti Mariana dos Santos conta o seguinte adágio: *na rua da fonte, vê-se a opinião de quem mora no monte*, ou seja conforme o arranje da fonte assim concebiam um traço do carácter de quem cuidava da mesma. Além disso, o Ti Rocha conta que se pintavam cruzeiros nas paredes da Fonte do Povo.

39. A recolha de água era dificultada durante o verão nas duas fontes mencionadas no ultimo ponto, tanto devido à secura do clima, como porque ambas – apesar de munidas por bombas de elevar a água – tornavam-se fontes chafurdas (e de mergulho) e pela procura ser muita; na Fonte do Povo: «[...] *era até à meia-noite, só se via gente a carregar água d'além, mas à espera que ela nasce-se para se encher os cântaros... [...] era um penador... chegavam a tar além à espera que ela nasce-se para se conseguir encher um cântaro, agora no pingo do Verão... vinha-se do trabalho das acêfas, era p'ra comidas, era p'ra se lavarem, era p'ra tudo, não dava [...]*» (Ti Carrasqueira); «*Não podíamos gastar muita água que ela não havia! A fonte tinha verões que nim uma pinga de água! Tínhamos que esperar horas, horas!, ali assintadinhas ós grupos!... agora é a minha vez, agora é a minha vez, agora é a minha vez!*» (Ti Ana Lagarto); na Fonte do Valbom: «[...] *os dois povos, as duas Ilhas abasteciam-se*

daqui... o que é que no verão... é um nascente muito bom, mas aí no verão ia abaixo... depois havia uma coisa que agente gastava muita água e gasta e era tudo daqui... era tomar banhos... e...» (Ti Martinho do Carmo). Além do respeito que era acatado pela vez uns dos outros, referem as ajudas recíprocas em encher cântaros, pois tinham que entrar dentro dos reservatórios destas fontes quando estes tinham a água no fundo para a conseguirem recolher, portanto para não estar cada uma a ir dentro da fonte, havia uma que ficava com essa tarefa e as outras ficavam fora para receberem os cântaros já cheios de água.

40. Das fontes para as casas a água era transportada geralmente em cântaros de barro à cabeça – usavam uma *sogra* que é um pano enrolado onde assentava o cântaro na cabeça – ou ao quadril por mulheres que chegavam a carregar assim dois cântaros de cada vez, enquanto que os homens para carregarem água usavam carrinhos-de-mão, ou carregavam ao ombro e depois haviam os aguadeiros de profissão com a ajuda de animais, munidos de cangalhas que assentavam no dorso dos animais e cântaros, bilhas, barris ou potes. A água que era trazida nos cântaros ficava num dos cantos da cozinha a que chamavam poiais, e para além dos cântaros usavam-se as seguintes loiças em barro para armazenar água: cantarinhas de Estremoz, bilhas, barris, potes, tarefas, asados, vasilhas, alguidares e bacias; como já foi apontado havia quem tivesse poços e cisternas dentro de casa na vila (ponto 9)¹⁷; utilizavam caldeiros para elevar a água dos poços a braço. As bacias podiam ser de esmalte, encaixadas num lavatório de madeira ou ferro, usadas para lavagens das mãos e cara. Estes mencionados recipientes de barro mantinham a água fresca mesmo durante o verão, mas também os havia de cobre e lata. Nas últimas décadas começaram a aparecer uns cântaros azuis em plástico.

41. Lavagens de roupas eram tarefas executadas por mulheres nos lavadouros públicos que haviam junto das povoações. Santana do Campo apenas na segunda metade do século passado foi beneficiada com tal infra-estrutura, já nas Ilhas referem que iam lavar na Tanqueta da Mesquita e em Arraiolos tinham os lavadouros do Olival, dos Lóios e da Fonte da Pedra. *«Agente ia lavar num barranco [agora uma das caixas que alimenta o Tanque do Povo de Santana do Campo], aí aquele barranco que vai ali por da baixo era onde agente ia lavar em enchendo de inverno, era onde íamos lavar!, e de verão era num alguidar, pois, nã' tínhamos*

¹⁷ Um destes poços pode ser visitado pelo público, na antiga Casa dos Capitães-Mores (Mala-Posta), actual edifício da Biblioteca Municipal.

nada...» (Ti Ana Lagarto); «*Havia aqui um charquéirão [o mesmo barranco mencionado] e havia côchos grandes que os homens traziam da cortiça¹⁸ e era aonde as mulheres lavavam, arranjavam uma lavadoura [pedra], e aonde as mulheres lavavam...»* (Ti Mariana dos Santos) de joelhos no chão; O Ti Elisiário também mencionou que iam lavar roupa no Poço do Sobral. Quanto às maneiras como se procedia: «*[...] ainda se lavava era com sabão [azul e cor-de-rosa], esfregava-se a roupa muito bem esfregadinha, bem lavadinha, punha-se para o lado, depois torcia-se, enxaguava-se no tanque, torcia-se e opois trazíamos no alguidar!.. [...]* aqueles... carrascos, agente chamávamos carrascos [arbustos], estendia além os cobertores todos, em enxugando é que me vinha embora, muitas horas a lavar a roupa... [...] p'ra vir p'ra aldeia com eles mais leves, que opois na' podia com tanta água nos cobertores, na' podia ser...» (Ti Perpétua). Da liberdade que as mulheres detinham quando lavavam: «*[...] naqueles tanques antigos é que se dizia tudo, esta, aquela, aquela é doutra maneira e a outra é da outra, falava-se de tudo [...]*» (Ti Perpétua), circulavam assim notícias locais e é claro coscuvilhice. Além das lavagens de roupa propiciarem as relações sociais, nestas tarefas eram transmitidos saberes de mães para filhas quando estas as acompanhavam.

42. Outra maneira para se lavarem roupas e também loiças consistia em fazerem uma *barrela*. Usavam um «*[...] barreleiro que era uma coisa assim redonda e que tinha um buraquinho além ao fundo...[...] primeiro dava-se uma lavagem à roupa pois com o sabão azul ou cor-de-rosa, era o sabão que havia... tirava-se o maior e depois o que não se tira-se à mão, metia-se assim dentro do barreleiro, assim às camadas e depois metia-se o sarrindeiro, chamava-se-lhe o sarrindeiro que é o tal brim¹⁹, o sarrindeiro, assim a fazer cova, o barreleiro não podia tar bem cheio que era p'ra tar, p'ra caber lá a água... [...]* e depois metia-se outro mais fino e metia-se-lhe a cinza do lume e depois é que se metia água a ferver p'ra cima da cinza, ia sair lá ao tal buraquinho, mas apanhava a roupa toda, a roupa ficava clarinha e a cheirar bem e aproveitava-se aquela água para desinfasquilhar a loiça, p'ra se aclarar a louça... [...] loiça de esmalte e louça assim que se encardisse ou pratos naquela água, deixava-se tá' um bocado, ficava clarinha... dava para a roupa e para a louça...» (Ti Mariana dos Santos). Essa água aproveitada da *barrela*, «*[...] essa água é que ia fazer decoada, ficava... chamava-se decoada que ficava assim amarelada [...]*» (Ti Mariana dos

18 Eram alguidares em cortiça.

19 Brim é um tecido feito com linho.

Santos), era utilizada para as referidas lavagens de loiças.

43. A matança do porco era uma tradição familiar que tinha lugar por volta do Natal e do Ano Novo. Logo cedo nas ruas entoava o som do grunhido da aflição do animal nas mãos dos homens e rodeados pelos gaiatos desejosos de roerem as unhas do bicho depois de chamuscadas e retiradas; é uma altura em que por norma a água corre nos ribeiros e ribeiras, era pois onde as mulheres da família²⁰, acompanhadas dos filhos e fazendo-se grandes algazaras, iam lavar as tripas do porco para numa fase posterior fazerem os afamados enchidos: linguças, farinheiras, morcelas, pôtros, paios e lombos.

44. Cabe ainda referir a importância incomensurável que a água tem na gastronomia alentejana, as migas, e as demais *açordas* são sopas de pão²¹ molhadas em caldos quentes (ou caldo frio no caso do *gaspacho*) temperados a azeite, por vezes vinagre, sal e ervas aromáticas, podendo ser guarnecidas com carnes, peixes, legumes e plantas silvestres. A mais afamada é a mais simples: alho, coentros ou poejos, sal, azeite e água a ferver, juntando-se depois as sopas de pão ao caldo. As panelas usadas eram de barro. As frutas também têm relevância, repare-se para a enorme quantidade de água que têm os citrinos – cultivados com recurso ao regadio desde séculos – para degustar durante o inverno e primavera, bem como as melancias e os melões que eram autênticos prazeres quando resguardados das torrinas do verão nas sombras de alguma azinheira, sobreiro ou oliveira, e ainda as deliciosas uvas já nos finais do verão. Num outro trabalho²² foi contemplada a importância de uma boa qualidade da água na confecção do pão, alimento essencial na gastronomia alentejana.

2.1.5. As águas na imprensa local e nas tomadas de decisão

45. Num artigo do «Imparcial d'Arrayollos» onde se divaga sobre «o amor segundo as profissões», é dito que para «*um aldeão – o amor é o sim da rapariga na fonte*» (nº 137, 21/11/1900), fazendo jus ao assunto de que as fontes públicas eram locais propícios para

20 Denise L. Lawrence (1988) analisa relações sociais da matança do porco no Alentejo com base em representações dos supostos efeitos do sangue menstrual.

21 É pão partido aos pedaços com a mão ou uma faca, conforme a sopa.

22 Daniel Freixa (2010).

namoros.

46. Em «O Arraiolense» referem que a lã das ovelhas que era utilizada para tecer os belos tapetes de Arraiolos ia a lavar à ribeira antes de ser tingida²³. (nº 5, 14/5/1936)

47. «O Sr. Vidigal propôs e foi aprovado se oficiasse à guarda republicana dando-lhe conhecimento que é proibido tirar água às cargas da Fonte Nova e das Fontainhas. Desta fonte apenas da bica que tem torneira de pressão.» (1927, Lv. 81, fôlio 3 v.) Esta proibição foi no final do verão, provavelmente estará relacionada com a falta de água, pelo que aqueles que tinham meios se carregassem água em quantidades elevadas, faltaria aos que não detivessem tais meios. Este problema é identificado nas Ilhas: «[...] chamemos a atenção de quem de direito sôbre o estado deplorável em que se encontram os caminhos que dão acesso à fonte de Val-Bom e Casão; e, bem assim, impedir que os aguadeiros se vão abastecer àquelas fontes, o que dá motivo a que no Verão, quando a população das Ilhas regressa do trabalho, encontrar as fontes sêcas, ocasionando-lhe sérios embaraços, pois não tem onde ir buscar a água de que necessita. [...]» (O Arraiolense, nº 6, 21/5/1936). Como estas providências não foram atendidas, são reiteradas no mesmo jornal (nº 13, 9/7/1936).

48. Em Santana do Campo: «Lamenta-se o povo desta localidade [...] porque há certos e determinados carreiros que em vez de levarem os animais a beber ao chafariz, levam-nos de preferência à fonte e da qual o povo se abastece de água para o seu consumo. Acontece, porém, muitas vezes lá chegarem com as bilhas e terem de esperar que a nascente as encha. Além dêste inconveniente, é também tudo o que há de mais anti-higiênico, porque depois de os caldeiros serem babojados pelos animais voltam novamente a ser mergulhados na água. A quem de direito, pedimos pelo povozinho desta humilde terra rápidas providências.» (O Arraiolense, nº 9, 11/6/1936). E o povo da aldeia esteve sem condições para lavagens de roupas: «Com vista à Digm^a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Arraiolos. O

23 Cunha Rivara (1985), no capítulo Tinturaria em Arraiolos, a par das plantas, a água é central. Foram encontradas várias dezenas de covas na Praça Lima e Brito durante uma intervenção de requalificação na mesma, as análises arqueológicas indicaram que teriam servido para curtumes e para a tinturaria e talvez como silos. Em: Goncalves, Ana, 2003, *Intercenção Arqueológica na Praça Lima e Brito – Arraiolos, relatório final do trabalho desenvolvido*, ARKHAIOS, Processo de obra da Direccao Regional de Cultura do Alentejo.

povo de Santana do Campo alarmado com a estiagem que se tem feito sentir, vem muito respeitosamente junto de V. ex.ªs, cheio de fé, renovar o pedido da construção dum lavadouro público, sem o qual é impossível viver se sem comprometer a saúde, visto que a população tem que ir lavar à ribeira do Divor que dista daqui alguns quilómetros. Esperando que o nosso pedido, aliás justo, seja atendido, confiados ficamos no espírito nacionalista e empreendedor da dig.mª Comissão. Santana do Campo, 2-8-1938. B. Nunes» (O Arraiolense, nº 119, 5/8/1938). Uma comissão de moradores da aldeia juntou algumas centenas de escudos para a construção da escola, mas parece que se desconhecia o paradeiro (algures na posse da Junta de Freguesia) desse dinheiro e então sugerem que ele fosse usado para construir um lavadouro. (O Arraiolense, nº 356, 10/4/1943) Depois são apresentadas duas cópias das actas como comprovativo. (nº 358, 1/5/1943)

49. A Câmara de Arraiolos adquiriu uma camioneta com tanque para 1500 l de água (1929, Lv 081, fólio 43). Este chegou a ser emprestado à Câmara de Évora para apoio na anual Feira do São João. (1930, Lv. 81, fólio 67) E também a Évora «[...] *para distribuição à cidade. A Câmara deliberou emprestar enquanto o mesmo não faça falta a este Município.*» (1932, Lv. 82, fólio 52).

50. Constatando a Câmara de Arraiolos que as populações rurais do concelho eram constituídas por gente pobre e que crises de trabalho estavam a afectar a vida dessas populações, decidem officiar para minorar estes problemas através de uma postura que permitia por meio de uma licença e de uma taxa de cinco escudos mensais, a engorda de um a dois suínos «*em recinto devidamente ladrilhado e todos os dias limpo e lavado com agua [sem perceber a caligrafia] ou auto desinfetante, não afeta a higiene publica antes auxilia a economia particular [...]*» (1932, Lv. 82, fólhos 58 v., 59 e 59 v.). Em Santana do Campo estes recintos localizavam-se junto das Pedras dos Milhanos a escassos metros do Tanque do Povo que ainda não existia nesta data da citação, e a água com que se abasteciam era proveniente de uma poça (o mesmo barranco que a Ti Ana Lagarto menciona no ponto 41) que hoje é uma caixa que alimenta o referido tanque e jaz a cerca de cem metros das Pedras dos Milhanos²⁴. A

24 É um veio de pedras altas na parte oeste, estende-se para este até nivelar no cabeço e continuar depois ainda pela outra chapada do cabeço e aparecer também no cabeço adjacente. E o nome milhanos advém das rapinas conhecidas por esse mesmo nome que lá faziam os ninhos. Os

água era retirada com caldeiros e transportada a braço. É provável que em Arraiolos alguns destes suínos fossem criados no Castelo, pois é manifesta a preocupação no jornal «O Arraiolense» quanto às potencialidades turísticas daquele património inviabilizadas pelos chiqueiros (nº 179, 28/10/1939).

51. No ano de 1933 encontram-se os primeiros documentos referentes ao estudo de captação de águas para abastecimento da vila de Arraiolos. «*A Câmara pede um empréstimo de 400 contos, um dos gastos será com o estudo da captação de água para a vila de Arraiolos.*» (1934, Lv. 83, fólios 42 e 42 v.) Entretanto, a autarquia não viu os estudos realizarem-se pelo primeiro engenheiro que contratou e teve que recorrer a outros. Passam-se anos em trocas de correspondências, várias informações e diversos estudos entre as entidades responsáveis. O jornal «O Arraiolense» foi eco das expectativas realçando a importância da higiene para o «progresso» (nº 16, 13/8/1936; nº 18, 27/8/1936; e nº 24, 8/10/1936), e num tom que exalta a revolução que o país atravessava e a grandiosidade da vila, escrevem que «*É uma aspiração que data de tempos remotos [...] As fontes ou poços aqui existentes para abastecimento de água à população ficam todos distanciados de maneira que é necessário perder-se um tempo precioso para lá se ir buscar a água com a agravante de se ter de estar à espera que as bicas conta-gotas nesta época canicular façam o milagre de encher as bilhas, havendo só o recurso dos aguadeiros, já desaparecidos nas terras onde o progresso fez a sua milagrosa aparição. Nesta questão de águas não estamos mais adiantados que à data dos primeiros anos da nossa nacionalidade. Estamos mesmo piores devido ao crescimento da massa populacional.*» (nº 72, 9/9/1937) E mais à frente no mesmo artigo lê-se que «*O problema das águas diga-se em abono da verdade não tem preocupado por aí além as entidades que têm passado pelas esferas municipais, porque de contrário ele estaria há muito resolvido.*». Ora, os documentos consultados demonstram que a autarquia estava empenhada em resolver este problema das águas ao contrário do afirmado no artigo citado. O mesmo jornal segue a par e passo o desenrolar deste «problema das águas» como causa que abraçou (nº 108, 20/5/1938; nº 110, 3/6/1938; e nº 174, 23/9/1939) e publica uma entrevista ao então presidente da Câmara onde se menciona que «*[...] só o conflito mundial tem obstado a que o abastecimento de águas à nossa vila não estivesse resolvido há já algum tempo.*» (nº 350, 27/2/1943). Foi a 14 de Julho

milhanos são também conhecidos por milhafres.

de 1947 a inauguração do abastecimento de água à vila e no mesmo dia foi inaugurado o edifício do Novo Hospital. (1948, Lv. 88, fôlio 94)

52. Pela autarquia «[...] *foi deliberado continuar a rêde de esgotos na vila de Arraiolos, canalizando a Travessa do Pateo – Rua Cunha Rivara desde a Travessa do Rocio ao Quebra Costas – Rua Nova – Rua da Parreira – Rua dos Moleiros até à Travessa das Barracas.*» (1928, Lv. 81, fôlio 29) Para onde iriam estes esgotos? Nos trazes das casas nas aldeias haviam estrumeiras onde as pessoas faziam as necessidades fisiológicas, e mesmo em certas ruas da vila os dejectos eram lançados literalmente porta-fora para as regueiras que havia nas ruas. Havia estrumeiras das limpezas da vila que eram vendidas em hasta pública no edifício dos Paços do Concelho (1940, Lv. 86, fôlio 7v.). Na imprensa local: «*Chamamos a atenção do ilustre vereador a quem está incumbido o saneamento da vila para o pouco asseio das sarjetas e ourinois, pois há ocasiões em que não é lícito passar por certas ruas de nariz destapado.*» (Nun'Alvares, nº 25, 18/7/1935). No expediente do «O Arraiolense» ficamos a saber que «*Uma pessoa que é assinante dêste jornal e que mora nesta vila no Bairro Serpa Pinto, lamenta-se dum péssimo cheiro que há junto da sua porta, e como não há cheiro sem causa, esta é devido a alguém deitar para a rua (certamente por não ter em casa cano de despejos) a sua urina e dos seus. Não podemos condenar totalmente êste modo de proceder, porque temos que levar em conta que a tão desejada rede de esgôtos ainda não passou por todas as ruas e o carro da limpeza só passa pela manhã quando muitos ainda estão entregues aos braços carinhosos de Morfeu.*» (nº 58, 3/6/1937). E «*dizem-nos que a carroça do lixo, isto é, aquela que de manhã costuma recolher os dejetos nos domicílios onde não existem canos de esgoto, deixou ultimamente de fazer serviço por absoluta carência de ser reparada. O serviço que o referido veículo presta a uma parte da população é muito importante e quasi indispensável, porque, se mesmo com a carroça em trânsito se fazem muitos despejos nas travessas e azinhagas até bastante concorridas, êsse número tornar-se-á maior. Para bem de todos, urge que a carroça do lixo volte quanto antes à sua rude mas indispensável faina.*» (O Arraiolense, nº 382, 9/10/1943)

53. Havia uma pressão exercida pela Delegação de Saúde à autarquia, num caso lê-se que «*alguns urinoes, desta vila, precisam de desinfeção e algumas ruas de limpeza.*» (1934, Lv.

83, fôlio 71 v.) e noutra situação a autarquia mandou canalizar «[...] *uma vala de esgôto que existia na Rua das Alcaçarias e que constituia um foco de infecção que era objecto de justas reclamações dos moradores da referida rua há muitos anos.*» (1934, Lv. 83, fôlio 86 v.) e ainda a mesma entidade de saúde pública alerta para o perigo em Arraiolos e freguesia da «*epidemia da febre paratifóide, e que esta epidemia é devido às águas inquinadas que se consomem nesta vila [...] a da Fonte Nova e Nóra do Coelho.*», por isso a autarquia afixou editais «*no sentido de que os consumidores, se não devem abastecer das águas destes nascentes, não fazer uso da água, sem que sejam previamente fervidas.*» (1934, Lv. 83, fôlio 95). As águas destas fontes citadas e ainda das Marafonas e Cabreira²⁵, foram analisadas em Lisboa. Também a respeito de saúde pública «O Arraiolense» faz notícia: «[...] *chamamos a atenção de quem de direito – a autoridade sanitária – para o caso aqui relatado na semana passada: existem nas Ilhas diversos casos de tuberculose, que não estão rodeados da higiene que requerem tais casos. Existe no lugar um único tanque de lavagem pública de roupa e aí se lavam promiscuamente as roupas de sãos e doentes. Requer-se a construção de um novo tanque para lavagem das roupas de doentes e a imediata obrigatoriedade da desinfecção das roupas, a lavar nos tanques públicos, pelos vapores de formol ou outro qualquer processo reconhecido como activo e económico. Também é de urgência rodear os doentes de assistência, de medidas e conselhos higiénicos – proporcionando-lhes o tratamento.*» (nº 39, 21/1/1937).

54. Nas Ilhas foi afixado o seguinte edital: «[...] *havendo dúvidas em relação às águas (sua salubridade) da Fonte e do Poço das Ilhas, previne-se o público que nas mesmas só deverá fazer uso, para gastos internos, depois de fervida.*» (1937, Lv. 84, fôlio 133 v.)

55. Quando começava a chover algumas ruas e estradas da vila tornavam-se intransitáveis (O Arraiolense, nº 24, 8/10/1936). No ano de 1939 houve temporal: «*Tem aqui chuvido duma forma pouco vulgar neste tempo, parecendo mais estarmos na estação invernos do que no princípio do outono. Cái a chuva miudinha e quási fria seguida de bâtegas assustadoras.*

25 1935, Lv. 83, fôlio 121 v. e 122. A fonte que fica entre a Quinta das Marafonas e a Quinta da Cabreira é justamente a Fonte da Arregaça. A água que alimenta um chafariz na Cabreira é proveniente da Fonte da Arregaça (Túlio Espanca, 1975), no entanto é possível que tenha sido analisada água de um poço das Marafonas.

Avizinha-se um inverno igual a tódos que passam sôbre aquêles miudos que confrangem ao vê-los de pézinhos nús e arroxeados. E certos homens, autenticos farrapos, vão afagando ao corpo os farrapos que durante o verão lhes faziam calôr.» (O Arraiolense, nº 176, 7/10/1939)

56. Os efeitos das chuvas na agricultura tiveram ressonância no jornal «O Arraiolense»: «Devido às últimas chuvas as searas melhoraram bastante, pois devido à seca que se vinha sentindo, tanto os prados como as searas se encontravam com mau aspecto, pincipalmente nas terras mais altas.» (nº 56, 20/5/1937); «A última semana decorreu quási toda invernosa. As searas estão geralmente pouco productivas; as aveis estão quási tôdas perdidas, tornando-se assim um mau ano agrícola, pelo que os nossos lavradores e seareiros estão muito desanimados. As vinhas que logo de princípio se apresentaram muito prometedoras, têm sofrido ultimamente bastantes estragos.» (nº 209, 25/5/1940).

2.2. Apontamentos para um inventário hidráulico

Este inventário é construído através dos resultados obtidos durante a investigação etnográfica. Está organizado por localidade e da seguinte forma: ordem numérica crescente, nome, comentário descritivo, época de construção, tipo, funções, qualidades atribuídas à água, estado de conservação e localização/GPS. Há uma denominação especial, a de «complexos», que representa um lugar onde estão congregados várias estruturas hidráulicas. Estes objectos inventariados, na sua maioria, são objectos que perderam as suas funções originais.

2.2.1. Arraiolos

I FONTE DA PEDRA (ou dos Almocreves)

É uma infra-estrutura hidráulica com características monumentais que está em vias de classificação. Está inexoravelmente ligada à memória colectiva, uma vez que é a fonte histórica da freguesia que mais enaltecida é, tanto pelo poder local, como pela população, através da reprodução da sua imagem como um símbolo da vila, figurando em boletins, observada em blogs, motivo de poemas e músicas populares, objecto de pinturas, desenhos e fotografias, emblema do rancho etnográfico local «Os Camponeses», entre outras representações valorativas que contribuem para a sua memória colectiva. Estas representações talvez tenham contribuído para a sua preservação nos últimos tempos, bem como para vincar o seu valor enquanto eminente património cultural da vila, a par dos seus famosos tapetes, do imponente castelo e do bucólico Convento dos Lóios ou de Nossa Senhora da Assunção. É uma fonte original nos seus traços arquitectónicos, no seu valor estético, técnico e material intrínseco do bem. Túlio Espanca menciona que esta é uma fonte com traços de rococó decadente. As suas espirais que sobressaem no dorso do corpo central são alegorias aos símbolos aquáticos que significam a água corrente, os seus movimentos ou caminhos, a renovação; e nas volutas da coluna central estão pinhas. As duas bicas observadas de frente parecem olhos que choram copiosamente, o painel entre os olhos é o nariz, a almofada que recebe a água é o lábio superior que escoia a água pelo centro e o chafariz é o lábio inferior onde a água descansa até servir e prosseguir. Não foi há muitos anos que a coroa do escudo

em mármore foi roubada, talvez por um monarca ferrenho. No que respeita às suas funções, demonstra a exemplaridade da cultura regional da água, conjuga duas bicas para abastecimentos e usos domésticos, um chafariz para gado beber e um lavadouro. Observamos o paternalismo da autarquia: «Em 1599 foi mandado limpar o chafariz da fonte da Pedra, cujas imediações tinham sido, seis anos antes, revestidas de calçada. [...] As posturas concelhias proibiam que se deitasse qualquer sujidade nas fontes públicas ou entupisse as "regadeiras" das mesmas. Quem quisesse dar de beber a animais na fonte da Pedra devia tirar a água com um caldeirão ou vasilha limpa e pô-la na pia a tal destinada.» (Fonseca, 2000: 40) Reflete a relação entre a autarquia e os municípios durante o período da sua plena utilização, pela preocupação em haver água para as necessidades básicas. Estava uma estrela de David gravada na pedra da bica do lado direito quando a fonte é observada de frente, indicava que dessa bica só judeus se abasteciam¹, actualmente desta bica corre visivelmente menos água que da outra. O pátio da fonte tem bancos dispostos junto aos muros.

Época de construção No capitel que coroa o frontão da fonte com as armas reais (pedra em mármore) está inscrita a data de 1827. «Ao centro um medalhão em mármore com a inscrição “Obras Públicas”; mais abaixo duas bicas de água deitam em bom caudal a água que é recebida numa almofada em mármore ao gosto clássico, de onde a água cai para um tanque de forma oval.»² Inclusive, despertou o interesse da equipa do Novo Aquilégio devido aos aspectos monumentais da fonte, e por isso questionam: «quando o reino vivia em plena crise e instabilidade política entre liberais e absolutistas, que razões possibilitaram esta construção nesse período difícil da nossa história?» A primeira cobertura metálica do lavadouro data de 1938 (Lv. 85, fólho 74). Recentemente o lavadouro beneficiou de nova cobertura. Há uma referência do ano 1624 que diz que se «mandam consertar os chafarizes de Alvaro Dinheiros e o da Fonte da Pedra». (Lv. 15, fólho 51 v.) Será que esta alusão à fonte no séc. XVII abre a hipótese da obra monumental ser anterior a 1827? Ou o designado «gosto clássico» referido no Novo Aquilégio elimina esta hipótese? A hipótese correta talvez seja a de que a fonte já existia em 1624, mas não com características monumentais que só veio a adquirir em 1827. Contudo, porque razão foi escolhida esta fonte para uma obra tão esplêndida? Terá sido pelo lugar? Pela qualidade da água?

1 Informação concedida pelo meu amigo Nuno Calça.

2 Novo Aquilégio, http://www.aguas.ics.ul.pt/evora_fpedra.html (acedido em: 22/8/2011)

Tipo Duas bicas com adorno. Taça oval (chafariz). Tem um lavadouro octogonal coberto. Um conjunto de quatro caixas e um aqueduto conduzem a água até à fonte.

Funções Abastecimentos dos almocreves, outros viajantes; usos domésticos; bebedouro para gado; lavadouro. Reflecte-se assim nesta infra-estrutura o uso eficaz da água. Mantém ainda actualmente o acesso a quem quiser abastecer-se ou fazer uso da água.

Qualidades atribuídas à água A água é potável, não possui nenhuma indicação em contrário e ainda há quem se abasteça na fonte para consumo interno; corre todo o ano pelas duas bicas frontais com um considerável caudal e alimentam o chafariz, o lavadouro fica nas traseiras. Vi pessoas com garrações de plástico ir lá buscar água. As pessoas com quem falei referem ser uma água de óptima qualidade para consumo humano, algumas dessas pessoas criaram-se com aquela água, por regra dizem que faz bom beber, que é uma água que não pesa no estômago, algumas atribuindo-lhes propriedades digestivas. De acordo com a equipe do Novo Aquilégio é uma água que não lhe são atribuídas outras qualidades além de ser digestiva, mas que devido a essa razão é muito procurada. Em 1935 encontramos um documento que enfatiza a qualidade da água, «[...] tendo em consideração que a água da Fonte da Pedra é de enorme consumo pelo público desta vila e que pela sua qualidade é das melhores desta vila, resolveu beneficiá-la, mandando proceder nela a trabalhos de limpeza e outros melhoramentos.» (Lv. 83, fólio 164)

Estado de conservação A fonte está preservada. As caixas que canalizam a água estão em abandono e risco de ruína, duas delas foram por descuido parcialmente destruídas, em finais de 2010, aquando de uma intervenção de limpeza – pela força das máquinas – da vegetação que as cobria por completo. É objecto de limpezas com regularidade, demonstrando-se o interesse do município na conservação desta fonte.

Localização Junto à N 370, entrada oeste da vila, a meio da subida.

GPS N 38° 43' 26,89" W 7° 59' 45,85"

*

* *

II «COMPLEXO» DA PRAÇA DA REPÚBLICA

Há uma fotografia do aparelho de elevar a água de um poço desactivado que jaz coberto por calçada e portanto irreconhecível, um dos poucos poços de abastecimento público dentro da vila³. O poço e a pia da antiga Mala Posta de Arraiolos repousam entre vasos com várias flores e pode ser visitado, pois neste edifício funciona a Biblioteca Municipal. Repuxos ornamentam o monumento aos Tapetes de Arraiolos, marcando a época contemporânea em que as populações já não se deparam com os problemas enfrentados pelas gerações anteriores no acesso à água, mas vale a pena mencionar que ai próximo existiu um outro poço público.

Época de construção A do poço desactivado é indeterminada; o poço e a pia da Mala Posta são do século XVIII; o monumento com os repuxos é de 2003.

Tipo Poço desactivado tinha bomba manual para elevar a água; poço e pia de interior; repuxos.

Funções O poço público servia para remediar as necessidades de água, possivelmente servia outras funções. O poço e a pia serviam os utentes da Mala Posta e para bebedouro dos animais que transportavam os viajantes. Os repuxos ornamentam o monumento aos Tapetes.

Qualidades atribuídas à água Sem registos.

Estado de conservação O poço público é possível que não seja limpo há algum tempo; o poço e a pia da Mala Posta estão preservados.

Localização O poço público é cerca de 30 metros em frente ao Cine-teatro; o poço e a pia são na antiga Mala Posta, actual edifício da Biblioteca Municipal; os repuxos do monumento

3 Ver Anexo C.

são a sul do edifício da Biblioteca, junto da Ermida de São Romão e da estátua de Dordio Gomes.

GPS N 38° 43' 26,56" W 7° 59' 03,55"

*

* *

III «COMPLEXO» DO CABOUÇO

Todo o conjunto de elementos do complexo situam-se no início de um vale, o qual era a jusante deste complexo, pois no decorrer da história recente, foi subterrado para dar lugar ao «desenvolvimento» e ao «progresso» da vila, e sacrificou-se a Fontainhas e o Chafariz dos Passarinhos com sucessivos aterros neste vale; em data recente foi construído o pavilhão Multi-Usos e um projecto de requalificação do espaço envolvente interferiu com as infra-estruturas hidráulicas do Cabouço, foi subterrada a «porta de cima», lembrando-nos que estamos na época da imponência do betão. Destas infra-estruturas, só restou portanto uma das portas em arco de volta perfeita e o poço, tanto o tanque, como os canais de rega e o pomar, do pouco que ainda restava, desapareceram, permanecem no entanto algumas laranjeiras que nos remetem para o passado. Apesar deste fim, a água das grutas será aproveitada para embelezamento do lugar e talvez regar as laranjeiras. Estas infra-estruturas hidráulicas representam uma eficiência do uso da água para os diversos fins a que a destinavam: o tanque servia para o regadio de horta e pomar de cultura intensiva, e além de acumular a água também servia de lavadouro como atestam, por tão gastas que estavam, as pedras lavadeiras entre grandes mosaicos de tijoleira; a água do tanque corria através de uma pedra que tinha um canal esculpido (a qual estava situada de frente para a porta da galeria), para um buraco de alvenaria no solo donde partiam canais de regadio; junto à parede esquerda do tanque (observado de frente) partia outro canal de regadio; da água da galeria subterrânea de cima as pessoas abasteciam-se de água para usos domésticos e havia pias dispersas para bebedouros de gado. Estamos perante um caso em que se pode constatar o impacto humano na paisagem, através da contemplação deste lugar que nos liga à história e ao repararmos no aparato de betão no local a lembrar-nos a época em que vivemos. Não foi identificado qual o aparelho

de elevar a água do poço; tem pia acoplada. Um elemento arquitectónico, um agrafe, da porta em arco da galeria de cima (a subterrada), poderá ser do século XVI, mas visto estar tudo tão deteriorado não é possível identificar outros elementos que sejam elucidativos a olho nu, mal se vislumbravam o que foram espirais a adornar as paredes dos contra-muros da porta. Havia bancos ao corrido a ornamentar os muros de alvenaria que perfaziam a porta da gruta de baixo, onde estava acoplado o tanque mencionado, o qual era de forma quadrada. As paredes e abobadas das grutas são construídas com tijolo-burro cozido, tal como os arcos das portas. Na parte exterior as paredes apresentavam algumas camadas de rebocos gastos.

Época de construção Indeterminada.

Tipo Duas portas em arco de volta perfeita que dão para grutas (uma delas subterrada); Tanque (desmantelado); Canais para rega (desmantelados); Poço.

Funções Abastecimentos da população para usos domésticos; lavadouro; regadio de horta e pomar; bebedouros de gado.

Qualidades atribuídas à água Água potável; desconhecidas.

Localização Junto ao Pavilhão Multi-Usos.

GPS N 38° 43' 18,03" W 7° 59' 08,95"

*

* *

IV «COMPLEXO» DA MANIZOLA

Um poço com nora está musealizado. É um lugar importante para o estudo de um sistema de regadio, pois conserva ainda vários dos elementos utilizados nessa função. Segundo informações orais, a água para o depósito vinha de perto do Cine-teatro, é uma distância considerável; a água do tanque estava muito suja. Este complexo era de uma antiga horta que

entretanto passou para a posse da autarquia e foram preservadas as estruturas hidráulicas e o espaço adaptado a práticas desportivas.

Época de construção Indeterminada.

Tipo Um poço com nora de ferro; um poço com aparelho eléctrico de elevar a água; canais de regadio; um depósito e um tanque quadrado.

Funções Os poços serviam para abastecimentos, para gado beber e regadio.

Qualidades atribuídas à água Desconhecidas.

Localização Na antiga Horta da Manizola, junto ao Polidesportivo da vila.

GPS N 38° 43' 10,13" W 7° 58' 57,16"

*

* *

V FONTE DA ARREGAÇA

É uma fonte pública com tipologia árabe (fonte coberta que remete para as cubas); provavelmente a mais antiga da vila. Na investigação etnográfica, algumas pessoas mais idosas reconheceram-lhe a existência, relembrando a função relevante da fonte, recordam os aguadeiros que iam a esta fonte abastecer-se de água para depois a irem vender na vila. A generalidade das pessoas mais jovens já não a conhece, fruto das transformações históricas e do abandono a que a fonte foi deixada. Para os que a conheceram, guardam memórias de uma fonte bastante apreciada, seja nos seus aspectos estéticos, seja da qualidade da sua água. É uma fonte que aparenta ter características de exemplaridade das fontes locais, como que um protótipo para as várias fontes da freguesia e concelho que se construíram posteriormente. Também do ponto de vista estético, os seus três arcos demonstram a sua beleza simétrica e talvez revelem o poder da autarquia em pleno século XVI, erigindo uma fonte com

características monumentais, tanto pela própria dimensão da infra-estrutura que é algo de considerável, como possivelmente do ponto de vista técnico pelos materiais empregues na construção que parecem ser um tipo de tijolos-burros de espessura estreita, rematada a fonte no topo com uma cúpula em «meia-laranja», dando provas da arte do pedreiro que a construiu, Francisco Álvares Moniz, por 33500 réis, morador em Estremoz⁴. Túlio Espanca repara que a fonte está virada ao oriente (1975: 30 - 31). Perdeu entretanto todo o reboco e não é possível saber se haviam outros elementos a ornamentar ou algumas inscrições como é costume. Os tijolos que se deixam ver parecem ter sido descobertos pelo desgaste do reboco através da acção do clima. Dado o estado de abandono e a antiguidade desta fonte, a integridade da infra-estrutura está ameaçada. Cunha Rivara destaca que: «A Câmara preferia que se fizesse um chafariz à fonte da Arregaça para beberem bois e bestas, primeiro que fazer-se a forca.» (1985: 79) Diz depois que: «Os curiosos de contrastes não deixarão de notar que se a forca, representante dos interesses morais da justiça, foi levantada em 1523, suplantando então o interesse material do chafariz;» (1985: 80) Mas noutras observações: «Em 1523 o Concelho deve ter recebido ordem para mandar fazer ou consertar a forca, pois em Março escreveu ao ouvidor João Álvares pedindo-lhe que ordenasse a construção de um chafariz à Fonte da Arregaça, para nele beberem os bois e bestas, antes da forca que tinha mandado fazer, diligência que resultou, pois no fim de Abril mandou arrematar a obra do mesmo.» (Fonseca, 2000: 33); Denota-se na interpretação destes dois autores citados uma ambiguidade a respeito do que efectivamente foi construído primeiro, se a forca ou o chafariz. Sobre outro assunto Cunha Rivara refere que «A grande concorrência a esta fonte era origem, às vezes, de desordens e escândalos, o que a autoridade municipal tratou de obviar, nas Posturas que se fizeram em 1588 [...]» (1985: 71) O documento que Cunha Rivara cita, pelo tom em que está escrito e severidade das multas que chegavam a incluir a prisão por dez dias, demonstram que o caso era sério. É mencionado por este autor um documento de 1634 em que consta que a postura se mantinha, acrescentava que a postura não se aplicava «aos de fora». As desordens e os escândalos, relacionavam-se com mulheres, pois é referido que as mulheres não se podiam parar sequer a conversar nos caminhos para a fonte com ninguém. E na citação que se segue, parece que se trata do mesmo assunto: «Em 1589 os dirigentes locais quiseram evitar "os

4 Agradeço a Bruno Lopes, licenciado em história, a gentileza em transcrever o documento: 1617, Lv. 13, fólio 83v-84v.

*prejuizos e inconvenientes que se segu(ia)m de irem muitas pessoas a esperar as moças e criadas dos moradores desta vila que vão à fonte", multando os culpados de tal prática com 200 reais, se a infracção fosse cometida de dia e 500 se fosse de noite, quantias que também pagaria "qualquer homem ou mancebo" que fosse visto na Portela ou no caminho da fonte da Arregaça "com alguma moça ou mulher".» (Fonseca, 2000: 41, ênfases do autor) Pelo «O Imparcial d'Arrayollos» é mencionado primeiro que «*differentes pessoas se nos teem queixado do estado lastimavel em que se encontra a fonte d'Arregaça. Chamamos a atenção da Camara Municipal.*» (nº 64, 28/6/1899) O que demonstra que algum desleixo ou abandono já vem do século XIX por parte da autarquia que portanto estava incumbida da manutenção desta fonte. Noutro documento do mesmo jornal, é referido em nota de solicitação que «*pedimos providencias sobre o estado de abandono em que se encontra o caminho que vae para a fonte da Arregaça, e onde se vae abastecer d'agua quasi metade da população d'esta villa. Não obstante a fonte ser longe o caminho é pessimo, e por isso deve-se attender em primeiro logar ao bem dos contribuintes. Repetimos: providencias!*» (nº 128, 19/9/1900, no número seguinte reiteram o pedido). O Ti Coelho chamou a esta fonte também Fonte dos Amores. O Ti Possidonio referiu também uma Fonte dos Amores, mas noutro lugar e que terá sido desmantelada, apesar desta confusão, ficamos a saber que em Arraiolos havia uma fonte com este epíteto.*

Época de construção 1563 (Espanca, 1975).

Tipo Tanque de mergulho onde era armazenada a água e conduzida por caleira a um chafariz (desmantelado). Outra caleira ligava a um chafariz da Horta da Cabreira.

Funções Abastecimentos dos almocreves e outros viajantes; para usos domésticos da população da vila; bebedouros de gado.

Qualidades atribuídas à água Água potável.

Estado de conservação Em abandono. Coberta por silvas, está por isso inacessível, o que inviabiliza uma avaliação objectiva, mas é presumível o risco de ruína desta infra-estrutura,

não é possível saber sequer se ainda tem água.

Localização 500 metros a este da vila, entre a Quinta da Cabreira e a Quinta das Marafonas.

GPS N 38° 43' 38,28" W 7° 58' 43,18"

*

* *

VI LAVADOURO DO OLIVAL

É uma infra-estrutura que reflecte a exemplaridade da função para a qual foi construída. Reflecte também a relação entre a autarquia e a população. É uma infra-estrutura pública que a autarquia continuou a preservar até à actualidade, apesar de ter perdido a sua função original. As caixas que encaminham a água até ao tanque estão em propriedade privada. Tem um corredor murado que liga o caminho velho ao lavadouro que também tem recinto murado e onde se dispõem bancos incorporados no respectivo muro. É mencionado pelo Ti Coelho que a barragem a montante terá estragado a água que corre para este lavadouro (ponto 12).

Época de construção É presumível que seja da mesma época da Fonte da Pedra, ou seja, 1827. Aponto esta data devido à semelhança das pedras – as utilizadas para verter a água para os tanques, assim como as pedras para vazar a água, e também as pedras em que as mulheres esfregavam a roupa – de ambos os lavadouros, pois são exactamente da mesma feição. A cobertura do lavadouro data de 1934. (Lv. 83, fólio 86 v.)

Tipo Tanque rectangular.

Funções Lavadouro.

Qualidades atribuídas à água Água potável; desconhecidas.

Estado de conservação Preservado.

Localização A este da vila, no início do «Percurso Entre Pontos e Colinas».

GPS N 38° 43' 54,07" W 7° 58' 41,21"

*

* *

VII «COMPLEXO» DOS LÓIOS

Dispõe de uma diversidade de estruturas hidráulicas, públicas e particulares da Pousada N^a S^a da Assunção, situadas ao longo do vale.

VII.I FONTE DO GREGÓRIO

Esta é uma fonte pública com traços comuns a outras fontes locais. Salienta-se a percepção popular da qualidade da água, várias pessoas referiram que esta água sempre teve um gosto ruim ou que era suja, por isso não lhe reconhecendo qualidades para ingestão humana, referindo que andavam a trabalhar perto desta fonte, mas que iam buscar água para beber das fontes dos Lóios. A água está actualmente muito suja.

Tipo Mergulho.

Época de construção 1948

Funções Abastecimentos para limpezas de esgotos da vila e para gado beber.

Qualidades atribuídas à água Água imprópria para consumo humano.

Estado de conservação Em abandono e risco de ruína, apesar de aparentemente intacta.

Localização Ao fundo do vale, a este da Pousada N^a S^a da Assunção.

GPS N 38° 44' 02,77" W 7° 59' 10,62"

VII.II LAVADOURO DOS LÓIOS

Este era um lugar que retrata com exemplaridade a cultura da água, pois nele tinham lugar várias actividades relacionadas com os usos da água. A água vinha encaminhada por galerias subterrâneas até armazenar num depósito já próximo do lavadouro, chegava à bica que vertia para o lavadouro com bom caudal. Todas as infra-estruturas são de alvenaria. Consegue vislumbrar-se que a água do lavadouro está actualmente coberta por uma camada de uma planta aquática muito miúda e copiosa. Todas as infra-estruturas deste sistema hidráulico estão totalmente cobertas pelas silvas que crescem imparáveis e a seu belo prazer, portanto irreconhecíveis em absoluto para quem não as conhece. É um lugar importante para estudar a distribuição de água. Neste lavadouro, como no Lavadouro do Olival e no lavadouro da Fonte da Pedra, há um corredor murado de alvenaria que desemboca para o tanque; próximo da entrada deste corredor jaz uma ponte, também irreconhecível, sobre o ribeiro que corre ao lado destas infra-estruturas que tratamos e também da Fonte do Gregório. Há um poço alguns metros a jusante do tanque, entre dois freixos e um pessegueiro que sobressaem das silvas.

Época de construção Indeterminada.

Tipo Tanque quadrangular.

Funções Lavadouro; regadio de horta; bebedouro de gado; água potável.

Qualidades atribuídas à água Água fresca e que fazia bom beber.

Estado de conservação Em abandono e ruínas; tudo coberto por silvas.

Localização Imediações da Pousada N^a S^a da Assunção, a sul.

GPS N 38° 43', 53,77" W 7° 59' 16,09"

VII.III CHAFARIZ DA CORNAGA

Foi em 1844 FEITA PELA CAMERA E POVO como atesta a sua lápide. Em frente do ribeiro que corre ao lado do chafariz houve a Fonte da Cornaga, cuja sua água era bastante apreciada, chegando a ser considerada uma água leve, que matava a cede e não fazia peso no estômago, funda e sempre fresquinha – informação do Ti Coelho que refere que esta era mesmo considerada a melhor água da qual o povo de Arraiolos bebia, também compara esta água à da Fonte da Pedra a qual menciona ser mais calcária – e vendida porta a porta pelos aguadeiros na vila, mas entretanto foi subterrada e não há vestígios nenhuns dela, a água desta nascente talvez alimenta-se a cisterna que abastecia o Convento dos Lóios; a fonte da Cornaga era do mesmo feitio da Fonte do São João e da Fonte de N^a S^a da Conceição. O espaldar do chafariz está construído no muro da extrema (antiga cerca do Convento dos Lóios). O alçado frontal é rebocado ao contrário do tardo e – tem uma barra pintada de amarelo-torrado em cima e capiado com tijolos-burro – toda ele está repleto de marcas de bagos de chumbo que alguém atirou, e os ramos de figueiras e de silvas que crescem no tardo cobrem-no. Os muros do tanque em alvenaria são capiados com cantaria maciça de granito da região, tem uma reentrância junto à bica para as pessoas lhe chegarem facilmente com os cântaros ou outros recipientes, e no lado que dá para o ribeiro há uma ranhura propositada para escoar a água quando o tanque atinge o nível cheio. A água que chega ao chafariz provém de uma nascente cerca de 50 metros para sul, do outro lado da estrada de terra batida, irreconhecível pelo mato e dentro de uma propriedade privada. Reflecte a relação entre a autarquia e o povo no final da primeira metade do século XIX no que respeita ao suprimento das necessidades de água. Ainda tem água, mas corria muito pouco, quase só gotas e o chafariz acumula algas e folhagem das árvores.

Época de construção 1844.

Tipo Chafariz.

Funções Abastecimentos à vila; bebedouro de animais.

Qualidades atribuídas à água Água potável; desconhecidas.

Estado de conservação Em abandono e risco de ruína, a sua frente apresenta-se em degradação.

Localização Junto ao muro da Pousada, a oeste.

GPS N 38° 43' 42,65" W 7° 59' 19,24"

Patrimónios hidráulicos da Pousada N^a S^a da Assunção

VII.IV FONTE DO CLAUSTRO

É a fonte do claustro do antigo Convento dos Lóios. A alimentação de água desta fonte, conta o Ti Possidonio, não provém da cisterna que se menciona a seguir, mas de outra nascente – situada próximo do cume do cabeço onde a N 370 faz curva e contra-curva – cuja água vem encaminhada pela caleira de um muro contíguo ao caminho da Fonte de N^a S^a da Conceição. Túlio Espanca menciona que as taças cilíndricas são de mármore regional; através da observação no local constatou-se que a fonte só apresenta uma taça e o tanque da base é construído em alvenaria e apresenta uma profundidade de cerca de um palmo no máximo, constituindo apenas um espelho de água e não um tanque para irrigação dos canteiros do claustro – fonte da vida; houve uma remodelação da fonte após a visita de Túlio Espanca ao Convento dos Lóios, mas não podemos precisar a data, nem o autor; o repuxo no topo da fonte parece uma reutilização de um balaustre truncado, é um elemento estranho na composição de uma fonte do século XVI. No fundo a fonte parece uma assemblagem

intencional de quatro elementos de quem a reconstruiu.⁵

Época de construção Alvares do 3º terço do século XVI (Espanca, 1975: 18).

Tipo Duas taças.

Funções Estéticas; lúdicas; rega do jardim do claustro.

Qualidades atribuídas à água Desconhecidas.

Estado de conservação Preservada.

Localização No centro do claustro do antigo Convento dos Lóios, é uma reminiscência de carácter sagrado.

GPS N 38° 43' 55,11" W 7° 59' 20,79"

VII.V CISTERNA

Parte da obra de engenharia hidráulica do antigo convento. A Fonte da Cornaga que foi subterrada abastecia de água esta cisterna. Próximo está uma caixa hidráulica em forma de ovo com respirador que também alimenta a lenda de um túnel a ligar o castelo e o convento.

Época de construção Século XVI.

Tipo Reservatório rectangular com janela de respiração.

Funções Abastecimentos de água potável ao antigo convento.

5 O comentário descritivo desta infra-estrutura teve o auxílio de Sebastião de Mira, licenciado em arquitectura paisagista e Mário Cabeças, licenciado em história de arte.

Qualidades atribuídas à água Água potável.

Estado de conservação Aparentemente preservada; relativo abandono.

Localização A oeste do Convento, entre a Fonte de São João e o Chafariz da Cornaga.

GPS N 38° 43' 43,95" W 7° 59' 19,78"

VII.VI FONTE DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Parte da obra de engenharia hidráulica do antigo convento. A fonte tem cercadura com bancos embutidos e é rodeada de árvores, arbustos, flores e pássaros certamente; pátio calcetado de granito; um painel de azulejos na frontaria da fonte tem a imagem de Nossa Senhora; tem portas de arco de volta perfeita; a cúpula é rematada com um cone de vértice esférico. A meio do outono de 2010 a fonte não tinha água, e por isso os tanques que a fonte alimenta também não, mas nos finais da primavera de 2011 todas as infra-estruturas estavam repletas de água. Segundo Cunha Rivara, em torno desta fonte havia uma tradição por altura do dia 15 de Agosto, dia de Nossa Senhora da Assunção, sob cuja invocação o convento fora fundado. Diz Cunha Rivara que «neste dia concorria de tarde todo o povo da vila a passear ao vale e depois de ter visitado a igreja ninguém faltava na cerca a beber uma taça de água da fonte de Nossa Senhora e a colher um ramo de murta⁶ de uma antiga árvore que havia junto da mesma fonte.» Depois deste momento ritual, é referido pelo autor que o povo acorria ao claustro do convento, e da sua varanda os frades lançavam um pão chamado rosca que o povo corria a apanhar e ao mesmo tempo os frades lançavam bacias de água, pelo que o povo acabava todo ensopado enquanto competiam para apanhar uma rosca, prestando esta tradição grande contentamento aos espectadores, tanto mais quanto mais encharcados saíam desse «jogo» os «concorrentes». Cunha Rivara caracteriza esta tradição como «costume de bárbaro carnaval», pois não percebe os motivos desta tradição. No entanto, não deixa de ser uma tradição deveras

6 «Era um arbusto quase sagrado, mas com o decorrer dos tempos foi perdendo essa virtude. Não havia festas, casamentos, baptizados, nomeações de reis e fidalgos, em que um ramo de murta não entrasse nessas cerimónias.» (Salgueiro, 2005: 141)

curiosa que só se extinguiu por vontade dos frades, contra a vontade do povo, numa altura próxima do fim do convento, assim descreve o autor arraiolense. Seriam as águas bentas um motivo?

Época de construção Século XVI.

Tipo Mergulho/chafurda; e sistema de canais, lagos/tanques e lavadouros.

Funções Abastecimentos; regadio; lavadouro; bebedouro de gado.

Qualidades atribuídas à água Água potável; desconhecidas.

Estado de conservação Infra-estruturas intactas; relativo abandono.

Localização A norte do antigo Convento dos Lóios.

GPS N 38° 43' 56,22" W 7° 59' 30,25"

VII.VII FONTE DE SÃO JOÃO

Esta fonte faz parte da obra de engenharia hidráulica do antigo Convento dos Lóios. A sua água provém de uma nascente própria a algumas dezenas de metros e é um caso exemplar no que respeita ao aproveitamento eficaz deste líquido precioso, pois a água circula pelos diversas infra-estruturas onde cumpria as várias funções a que a destinavam, como é exemplo (1) o conjunto de uma bacia em pedra mármore com um altar com um painel de azulejos que representam o São João a segurar um cordeiro a qual está ligada a uma pia também de mármore que servia para dar de beber a gado. Este conjunto tem um recinto coberto por uma frondosa hera⁷; (2) a fonte alimenta de água por uma caleira aberta um pequeno lago

7 Muito comum por ser uma trepadeira que adorna muros e fachadas. Devido às suas folhas serem de reprodução muito copiosa, há o adágio: «Quem pela hera passou e uma folha não apanhou, do seu amor não se lembrou.»

rectangular onde crescem variedades de plantas aquáticas e na parte acessível às pessoas dispõem-se pedras para lavagem de roupas. Várias destas infra-estruturas estão construídas ao longo de um muro que delimita e organiza o espaço do recinto, no qual também há bancos. A cúpula da fonte de mergulho é rematada por um respiradoiro em forma fállica; o reservatório das suas águas tem forma de pentágono; num azulejo por cima da sua porta frontal de arco perfeito pode ler-se NINGUÉM DIGA DESTA ÁGUA NÃO BEBEREI. O chão intra-muros está calcetado com granito presumivelmente da época em que a Pousada foi construída. Havia também um pequeno jardim com outro pequenino lago e ambos não existem mais. A sul deste conjunto que tratamos está uma horta e um pomar que ainda são mantidos por um velhote que tem o consentimento da gerência da Pousada. O poço que está já na parte da horta conserva ainda muito completa uma nora em ferro com os alcatruzes. A alimentação de água deste conjunto de infra-estruturas hidráulicas, segundo informações do Ti Possidonio, não provém da cisterna, nem do mesmo canal que alimenta a fonte do claustro, mas de nascente própria.

Época de construção Século XVII.

Tipo Mergulho/chafurda; bacia; pia; tanque; poço com nora.

Funções Abastecimentos vários; regadio; lago; lavadouro.

Qualidades atribuídas à água Água potável; desconhecidas.

Estado de conservação Preservada; em relativo abandono.

Localização A oeste do antigo Convento dos Lóios.

GPS N 38° 43' 51,20" W 7° 59' 20,23"

*

* *

VIII FONTAINHAS

O que temos desta fonte é uma pintura, em si um contributo para a etnográfica de um ritual em torno da água que ocorria na Noite de São João, pelo pintor Dordio Gomes. Há também uma pintura mais recente das Fontainhas num café da vila. São representações de uma fonte da vila que entretanto, devido ao processo histórico, foi subterrada. Pode-se ver na pintura de Dordio Gomes pelo menos duas fases desse ritual – rodeados por incontáveis espectadores – uma em que os recém nascidos eram mergulhados no chafariz da fonte, e a outra em que eram passados através de um ramo aberto ao meio⁷. Este ramo era de um vime. Ao mesmo tempo que estas voltas se davam aos bebés pronunciavam uma oração própria. Certamente o pintor mencionado conheceu esta tradição. Esta era uma fonte antiga: «Em 1523 foram convocados os habitantes de uma zona da vila para *"com alferces e sacholas (...) correger o caminho da Fontainha"*, com multa aos infractores de 20 reais para as mesmas obras. (Fonseca, 2000: 40) Na imprensa local: «*Alguns dos nossos leitores se lamentam do péssimo estado em que se encontra a fonte publica denominada Fontainha. Além do mais, também o chafariz da mesma fonte – dizem-nos – apresenta a água coberta duma nata gordurenta, pelo que os animais se recusam a beber. Sendo assim, achamos de toda a conveniência que as entidades competentes remediassem os citados inconvenientes.*» (O Arraiolense, nº 135, 25/11/1938, ênfase do autor).

Época de construção Indeterminada.

Tipo Bica e chafariz.

Funções Abastecimentos domésticos; bebedouro de gado.

Qualidades atribuídas à água Água potável; cura de quebradura na Noite de São João.

Localização A jusante donde está agora o pavilhão Multi-Usos, a fonte foi subterrada.

GPS N 38° 43' 31,67" W 7° 59' 05,35"

7 Ver detalhes sobre este assunto no ponto 32. E ver anexo B.

*

* *

2.2.2. Ilhas

IX FONTE NOVA

É a fonte que tem a água mais apreciada pelas gentes das Ilhas que desciam a colina para se abastecerem com cântaros do líquido precioso. Creio que a equipe já citada do Novo Aquilégio poderá ter feito confusão entre esta fonte e um poço existente na Horta dos Mosqueiros, pois segundo as informações orais, mencionam que as gentes das Ilhas iam buscar água à Fonte Nova e nunca ou raramente a uma fonte na Horta dos Mosqueiros que era privada e teriam para tal que pedir autorização aos proprietários. Aparentemente a Fonte Nova está alienada ou foi apropriada pelo dono de um rebanho de ovelhas para se servir da sua água para dar de beber ao gado que pasta na propriedade onde está a fonte. A encaminhar a água para a fonte há um pequeno poço com gargalo e uma caixa coberta com cúpula piramidal que tem aberturas no topo para a água respirar. Esta fonte reflecte a relação da autarquia com os aguadeiros no que respeita aos abastecimentos de água na vila e ao povo. Antes da N 4, a estrada real passava junto desta fonte, e dela ainda se observam vestígios.

Época de construção 1957.

Tipo Reservatório com torneira.

Funções Usos domésticos; almocreves; aguadeiros; bebedouro de gado; lavadouro.

Qualidades atribuídas à água Água potável de excelente qualidade; cura de anemias e quebraduras (Novo Aquilégio)⁸.

Estado de conservação Em abandono e risco de ruína; as silvas começam a invadir as suas

8 http://www.aguas.ics.ul.pt/evora_mosqueiros.html

paredes; as arestas do reservatório deixam passar fios de água.

Localização Junto à estrada N4, a este da antiga Fábrica da Aliança e junto ao ribeiro repleto de mosqueiros que faz a estrema com a Horta dos Mosqueiros.

GPS N 38° 43' 21,16" W 7° 58' 23,12"

*

* *

X LAVADOURO PÚBLICO E CHAFARIZ

O lavadouro é utilizado com regularidade no quotidiano e estendem-se as roupas nas imediações, o que transmite uma aura pitoresca às Ilhas, relembrando tempos idos. Através destas infra-estruturas podemos observar a estratégia autárquica de distribuição da água na aldeia; ambas recebem água da rede pública de abastecimento.

Época de construção O lavadouro é de 1997 e o chafariz provavelmente do início da segunda metade do século XX.

Tipo Lavadouro com compartimentos; chafariz com torneira não acessível ao público.

Funções Lavadouro; e bebedouro de gado.

Qualidades atribuídas à água Desconhecidas.

Estado de conservação Ambas as infra-estruturas estão preservadas.

Localização Rua Sub Tenente António Bernardino Apolónio Piteira, na confluência com a Rua da Boavista e junto ao polidesportivo.

GPS N 38° 42' 59,95" W 7° 58' 11,45"

*

* *

XI FONTE DO VALBOM

O nome da fonte não deixa de sugerir curiosidade, pois Valbom, derivado de «vale bom», pode significar que era um vale com água em abundância (considerando o clima árido da região), até porque situa-se num vale com pouco declive próximo das colinas onde no sopé cresceu o aglomerado de habitações, quintais e ferragiais. José Borges no seu livro *As Sombras de Valbom*, sobre as Ilhas e Arraiolos, descreve uma paisagem das Ilhas do Valbom inundada de água na época das chuvas e trovoadas, fazendo com que as colinas se parecessem com ilhas aos povos antigos, ainda que sejam imagens fantasiadas pelo autor, transporta-nos para um possível cenário daqueles lugares. Esta apreciação de Borges toca mais no topónimo «ilhas» do que «valbom», o autor não deve estar longe do problema, mas o que nos interessa é a descrição de uma paisagem em que a água se fazia notar como um mar nesse cenário de fantasia descrito. Outra hipótese para o topónimo «ilhas» tem a ver com a alegação do local ter sido povoado por açorianos a mando de Pina Manique, logo após as calamidades do terremoto de 1755, mas tal não nos indica nenhuma pista para o topónimo «valbom». Cunha Rivara (1985) no capítulo «Elementos Demográficos» designa as Ilhas por a Ilha de Valbom ou da Fonte e a outra Ilha por Ilha Grande ou do Castelo. Voltando à fonte, ela tem a forma piramidal, assemelhando-se com a reminiscência de um obelisco, rematando no topo com um vértice piramidal; há uma pia acoplada num dos lados; onde se pousam os recipientes para encher de água está um apoio em metal furado para a água escorrer e ser encaminhada por baixo da estrada; a jusante da fonte, mas já em propriedade privada está um tanque que é possível que em tempos tivesse recebido a água desta fonte (um poço construído em tijolo-burro e em degradação tem um canal ligado ao tanque), ou então a água que saía da fonte iria ter ao ribeiro que está mais adiante, mas faz sentido que fosse aproveitada para o tanque; a fonte tem avenca (ou capilária) nas paredes interiores do reservatório à tona de água, é considerada uma planta que comprova uma excelente qualidade da água. É uma fonte ainda usada no quotidiano, apesar de nos tempos actuais geralmente não ser aconselhada para consumo interno humano devido a uma caixa de esgoto que a autarquia colocou, por volta do

final da década de 1960, a qual ficou muito próxima do reservatório da fonte e essa proximidade entre a caixa de esgoto e o reservatório contamina a água da fonte; relataram que esta acção pode ter sido propositada para desincentivar o povo de beber da água das fontes devido à coincidência da instalação da rede pública de água, pois a autarquia chegou a fechar a fonte várias vezes a cadeado, só que a coação nunca surtiu efeito, pois o povo quebrava os cadeados; houve idosos que me referiram que se a autarquia afastar a caixa de esgoto da fonte, faz um serviço digno. Era fonte usada pelo povo das duas Ilhas, de Baixo ou do Castelo e de Cima ou da Boavista, por isso no verão ficava sem água devido a ser muito tirada e as pessoas tinham que esperar que a água nascesse para se abastecerem; havia gestão popular para limpeza da fonte; ainda está um púcaro pendurado na grade para quem quiser matar a sede. Há vasos grandes com flores no átrio da fonte. As grades dos arcos são iguais às da Fonte das Francas o que indica que foram instaladas na mesma altura, terá sido aquando da tentativa de coação referida.

Época de construção Presumivelmente 1870 (inscrição recente em cimento na traseira).

Tipo Reservatório tipo poço com bomba eléctrica de elevar a água instalada recentemente.

Funções Abastecimentos e usos domésticos das gentes das duas Ilhas.

Qualidades atribuídas à água Água potável; fresca e boa; desconhecidas; actualmente não é aconselhada a ingestão para pessoas; tem um azulejo onde diz ÁGUA IMPRÓPRIA PARA CONSUMO. J. F. A.

Estado de conservação Preservada.

Localização Rua Augusto da Silva Piteira, confluência com a Travessa da Fonte do Valbom.
GPS N 38° 42' 57,40" W 7° 58' 19,76"

*

* *

XII FONTANÁRIO

Situado num largo pitoresco, com um banco ao lado e junto de casas típicas. Através deste fontanário podemos vislumbrar a estratégia autárquica de distribuição da água na aldeia, antes da rede de abastecimentos de água aos domicílios. Este fontanário nunca terá funcionado, a explicação para tal prende-se com os abastecimentos de água aos domicílios na aldeia que foi obra inaugurada nos finais da década de 1960, ou seja, pouco depois deste fontanário ter sido colocado.

Tipo Bica.

Época de construção Presumivelmente no início da segunda metade do século XX.

Funções Nunca funcionou.

Qualidades atribuídas à água Sem registo.

Estado de conservação Preservado.

Localização Rua da Boavista.

GPS N 38° 42' 55,37" W 7° 58' 20,84"

*

* *

XIII FONTE DAS FRANCAS

É a fonte pública da Ilha de Cima ou da Boavista. Desconhece-se a origem do topónimo Francas. A sua cúpula faz lembrar o revivalismo neomourisco. A fonte situa-se num canto ao fundo do «Beco das Francas», metida entre muros dos quintais dos moradores. Havia uma

obra a decorrer por perto e os tijolos e materiais estavam empilhados num dos bancos que fazem parte do conjunto da fonte, o que revela a apropriação do espaço envolvente. Um ribeiro corre pelo meio destes quintais situados atrás da fonte, que é justamente o ribeiro que a jusante percorre próximo da zona do Valbom onde terá sido o povoamento primitivo. Reflecte esta fonte a relação entre a autarquia e o povo na época em que proliferaram as construções de fontes hidráulicas em nascentes de carácter público da freguesia de Arraiolos. A população não utiliza esta água para consumos internos há algumas décadas, no entanto no passado a sua água era potável, «[...] *mas diziam que aquela água ali que era uma água, assim, não era tão leve como esta [Valbom]...*» (Ti Martinho do Carmo). Para se ter acesso à água tem que se abrir a porta gradeada que está fechada a cadeado com a chave «escondida» na barra do topo.

Época de construção Em 1932 como atesta a lápide com as iniciais da autarquia.

Tipo Reservatório de mergulho.

Funções Abastecimentos e usos domésticos; regas; para animais e gado miúdo beber.

Qualidades atribuídas à água Não aconselham a sua ingestão para pessoas e o seu sabor não é agradável; no passado foi água potável mas não tão fresca nem tão leve como a água da Fonte do Valbom. Num azulejo com as iniciais da Junta de Freguesia pode-se ler ÁGUA IMPRÓPRIA PARA CONSUMO. A água apresentava-se escura.

Estado de conservação Preservada, mas em relativo abandono, as suas paredes não são caiadas há alguns anos como se denota pelo desgaste da cal provocado pelas chuvas.

Localização Beco das Francas ou Largo das Francas, a meio da Rua da Boavista.

GPS N 38° 42' 55,03" W 7° 58' 22,81"

*

* *

XIV POÇO NOS FERRAGIAIS

O abastecimento de águas à vila de Arraiolos, no que diz respeito às limpeza das ruas, esgotos e sarjetas da vila foi realizado com a água deste poço. Desde a manhã à noite andavam os funcionários da autarquia num vai-vem entre o poço e a vila, com o auxílio dos animais transportavam a água em pipas para procederem aos serviços de limpeza públicas, isto antes de haver abastecimentos aos domicílios. O gargalo do poço tem forma elíptica, e em ambas as extremidades apresenta uma reentrância onde parece que encaixava um eixo de algum aparelho de elevar a água. Tem as paredes e o gargalo feitos a tijolos-burro. Reflete a estratégia autárquica de fornecimento de água na vila sede de concelho no sentido de solucionar as exigências de higiene e salubridade públicas.

Época de construção Indeterminada (presumíveis finais do século XIX ou alvares do XX).

Tipo Desconhecido.

Funções Limpezas públicas; abastecimentos através de aguadeiros em feiras.

Qualidades atribuídas à água Água imprópria para consumo; água potável (passado).

Estado de conservação Tem tantos juncos ao seu redor que quase camuflam a lápide onde estão as iniciais da autarquia. A água apresentava uma cor azul-esbranquiçado.

Localização Nos Ferragiais (pronunciado *frajais*, zona vulgarmente denominada por Hortas), a sudoeste da vila, junto a uma estrada alcatroada de acesso local que liga a N4 e a N370.

GPS N 38° 42' 50,72" W 7° 58' 53,49"

*

* *

2.2.3. Santana do Campo

XV FONTE DO POVO (ou de Santana)

Era a principal fonte de abastecimento de água da população da aldeia para os diversos consumos. Tem água fresca todo o verão, sendo que actualmente quase ninguém utiliza a sua água e por isso a água fica a correr pelo tubo que controla o nível de água no reservatório, mas há sempre quem beba da sua água apesar do aviso que está por cima da portinhola indicando que a água é imprópria para consumo; as pessoas nunca deixaram de beber da sua água, apesar das tentativas de dissuasão por parte da autarquia que a chegou a fechar a cadeado e a colocar placas a mencionar que a água só se devia de ingerir depois de fervida. A concorrer também para que a fonte seja pouco frequentada nos tempos actuais está a sua distância, pois fica atrás de um cabeço a oeste da aldeia, no entanto como se pode verificar ainda dispõe de um cocho no degrau da portinhola. O muro que está na frente da fonte era caiado de azul por fora e por dentro, excepto nos topos que são em pedra; nele está incorporada uma pia para o gado beber; numa parte interior está um degrau para as pessoas poderem fruir facilmente. Cobria desta forma as várias funções a que a água assistia. Tanto o topo do muro como o portado da fonte estão visivelmente gastos pela passagem de incontáveis cântaros cheios de água. A fonte propriamente dita é toda caiada com cal, ficando toda branquinha; nas última décadas teve datas pintadas do ano em que era caiada, mas que no presente não são legíveis. As práticas de higiene popular nesta fonte são dignas de conhecimento: a gestão popular do espaço envolvente e da própria fonte, era praticada tradicionalmente; havia o costume ligado a uma noção de higiene e de estética que consistia em mandar pratos partidos para o fundo do reservatório da fonte, após esta ser limpa por meio de vassouras com as quais esfregavam as pedras do fundo e as paredes interiores, então deixavam os cacos como símbolo do sentido de decência do povo e para se constatar a sua água translúcida e pura por todos os que a ela se dirigissem. Nesta fonte funcionava a entreajuda entre as mulheres que se iam abastecer de água durante o verão, havia filas para recolher a água e como ela não era muita, assim que esgotavam o reservatório tinha que ir uma mulher lá para dentro recolher aquela água que nascia para encher os cântaros que em seguida dava a outra mulher que estava à portinhola a recebê-los, pois o reservatório tem fundura suficiente para «acavar» uma pessoa de tamanho mediano. Para jusante da fonte parte um regato, nas suas margens havia hortejos com um sistema de regadio que aproveitava a força da gravidade, contam-se também algumas oliveiras

abandonadas com as barras em pedra que se estão a desmoronar, consta que nestas barras dispunham imensas variedades de flores com que ornamentavam o sítio. A montante da fonte jaz o vale do salão, assim chamado na aldeia, onde o povo se ia abastecer-se de terra barrenta e húmida com que fabricavam os chãos das casas e no mesmo vale plantavam manuais de melancias, melões, abóboras e feijão-frade, sem se regar nada, por isso consideram estas culturas de sequeiro. É presentemente uma fonte sobre a qual houve algumas atitudes patrimoniais por via da associação da aldeia, nomeadamente através das marchas populares, nos inícios já do século XXI, onde a fonte foi mencionada em letras e no último ano o artista Zé Gandaia fez uma réplica da fonte para ser emblema das marchas populares da aldeia. No meu tempo de gaiato e jovem íamos para esta fonte por tudo e por nada... fui lá muita vez apanhar rãs por divertimento e poejos para vender a algumas velhas da aldeia. Tantos namoros que ali se fizeram e desfizeram, tantas amizades ali se consolidaram, tanta estória ali se passou. É uma fonte da época em que proliferaram as construções em alvenaria nas nascentes públicas da freguesia de Arraiolos.

Época de construção Indeterminada (de acordo com informações orais terá sido construída entre a década de 1940 e 1950, no seguimento da primeira leva da construção do Tanque do Povo da aldeia).

Tipo Actualmente é reservatório de mergulho e chafurda; em tempos teve uma bomba manual de elevar a água, sistema do qual ainda resta um tubo que está preso na parede interior da fonte, bem como resta o apoio na parede exterior onde assentava a referida bomba.

Funções Abastecimentos e usos domésticos; bebedouro de gado; regadio de horta.

Qualidades atribuídas à água Água potável; boa e fresca; aparentemente leve; que não pesa no estômago, mas que tem algum calcário em excesso; água calcária ou água centieira.

Estado de conservação Há muito mato, i. e. silvas e juncos, em redor da fonte devido ao abandono. O interior do reservatório está parcialmente limpo, precisava de uma limpeza aprimorada. Ainda está um côcho no interior, pousado no degrau da portinhola, tal como era

antigo costume.

Localização Na Herdade da Adua, 200 metros a sudoeste da aldeia.

GPS N 38° 45' 49,38" W 8° 01' 59,82"

*

* *

XVI «COMPLEXO» DOS FONTANÁRIOS

É um conjunto de infra-estruturas construídas para fornecer água potável e para usos domésticos das gentes da aldeia. Foi um projecto levado a cabo por uma extinta «comissão de moradores», criada após o histórico 25 de Abril, durante a febre comunista que atravessou a região. Neste caso concreto registamos um exemplo de como a água tem capacidade para reunir o povo em torno de uma causa comum e observamos a aplicação de saberes empíricos sobre hidráulica. As partes inventariadas são a parte do sistema em «baixa», ou seja, apenas o depósito e as bicas. Nada melhor que os relatos de dois membros activos da referida comissão para percebermos os motivos deste investimento, o seu desenrolar e depois o funcionamento: «[...] *na altura a aldeia não dispunha de água [...] a água que necessitavam, deslocavam-se à Fonte de Santana, a chamada Fonte de Santana, que era a fonte principal da aldeia [...]*» (João Luís); «*e a comissão de moradores foi junto dessa comissão [administrativa da câmara] solicitar apoio para colocarmos umas torneiras dentro da aldeia, porque nós até tínhamos pessoal que conhecia aí alguns locais que podiam, onde se podia ir buscar a água, mas claro, a câmara não tinha dinheiro mas prometeu, olha se vocês sabem isso e se conseguirem fornecer a mão de obra, agente podemos possivelmente dar o material para colocar essas mesmas torneiras [...]*» (João Luís); «[...] *a primeira medida que tomamos foi abrir um poço, que é esse poço que ainda ali está, da fonte [do Povo ou de Santana] p'ra baixo [...]*» (Joaquim Augusto); «[...] *na altura existiam duas cooperativas agrícolas, onde o pessoal da aldeia trabalhavam, uma delas dispunha de alguma... aliás, as duas dispunham de maquinaria, mas apropriado para isso era necessário o quê? O estudo foi feito pela comissão de moradores... existia um poço que era chamado o Poço da Freixa, era conhecido por,*

pronto por deitar muita água, era um nascente muito bom e ao situar-se numa zona alta e a aldeia numa zona baixa, o pessoal pensou assim, aquilo tá numa zona mais alta, nem precisamos sequer de nenhum motor nem coisíssima... só precisamos de arranjar uma tubagem e fazer uma canalização, p'ra um local que seria um poço [o referido poço «da fonte p'ra baixo»] e a partir desse poço depois é que a água era bombada para a aldeia [...]» (João Luís); «[...] chegou-se facilmente a acordo [com uma cooperativa agrícola] e houve a dispensa da água p'ra cá... e este poço que nós construímos para abastecer a aldeia que depois se veio a verificar que não tinha água, era o reservatório que recebia a água do outro poço, portanto o Poço da Freixa descarregava aqui neste, e deste é que era bombeada ali para aquele reservatório que ainda está junto ao campo de futebol e depois daí então é que vinha p'ra rede, para os fontanários [...]» (Joaquim Augusto); «[...] o pessoal na altura a maioria tudo aderiu, todos contribuíram com a sua parte à medida que se faziam essas campanhas, chamávamos na altura jornadas de trabalho e as pessoas aderiram, de uma forma geral aderiram [...]» (João Luís); «[...] foi a população toda, toda ou quase toda, participou muita gente a limpar a vala, metíamos um tubo, metíamos as uniões, quando se acabava uma bobine, outra união, outro tubo, tapava-se o tubo e a água chegou aqui, ficou distribuída aqui por sete fontanários, as pessoas passaram a ter não a água ao domicílio, mas na aldeia havia sete fontes de abastecimento que as pessoas andavam poucos metros e tinham permanentemente água...» (Joaquim Augusto); «[...] a partir do momento em que a água chegou às torneiras não houve ninguém que não elogia-se e não disse-se bom trabalho, dá um jeito e não sei quê...» (João Luís); «[...] a água chegava mesmo para toda a gente em quantidade, a qualidade é evidente que a água não era tratada não tinha, mas em quantidade chegava para toda a gente que necessita-se não é? Não havia cá limites de natureza nenhuma, não havia restrições no consumo, até era permitido a utilização das mangueiras que as pessoas depois sabe-se lá quantas coisas utilizavam, a dúvida só surgiu quando algumas destas pessoas também tinham poços e aquilo era horas e horas a mangueira ligada e começou-se a pensar que nem havia necessidade de consumo daquela grandeza [...]» (Joaquim Augusto); «O funcionamento era assim, como a água não iria ser muita, havia uma regra que as pessoas deviam só utilizar a água com bilhas, com cântaros, com outras coisas e nunca com mangueiras e para regar canteiros, mas essa regra não foi respeitada... mas acho que a água foi sempre mais ou menos chegando...» (João Luís); «[...] isso foi uma situação

muito pacífica mesmo, não quer dizer que não houvesse um ou outro problema que agora já nem me recordo, mas regra geral, portanto, era aceite estes princípios assim estabelecidos...»

e «[...] era completamente gratuito, serviço gratuito... [...] ninguém pagava nada,

independentemente da água que gasta-se...» (Joaquim Augusto). Este sistema dos sete

fontanários esteve em funcionamento durante meia dúzia de anos, depois a autarquia instalou a rede pública de água aos domicílios. Entretanto o depósito deste sistema dos fontanários foi

apropriado pelo clube de futebol que aproveitou a estrutura para construir um tipo de bar com balcão para venda de bebidas e complementos alimentares durante os jogos que realizam.

Contudo, o depósito conserva ainda um cravo alegórico ao 25 de Abril e a data da

inauguração dos fontanários. É uma obra da época da vulgarização do cimento. Num dos

fontanários (o que está na confluência da Rua 25 de Abril com a Rua 1º de Outubro), dos

quais ainda existem vestígios, tinha as paredes do degrau – onde assentavam os recipientes –

decoradas com conchas (uma reminiscência de simbologia aquática); e o fontanário do cimo

da Rua das Pocinhas tinha um painel em azulejos. Por último, ficam duas estrofes soltas de

uma letra que foi cantada na comemoração da inauguração dos Fontanários (bicas), autoria da

Ti Mariana dos Santos:

(3) o povo está cansado

mas trabalha e continua

também temos bicas de água

a correr pela nossa rua

(5) temos uma rua nova

pelo povo começada

faltam os canos de esgoto

e essa rua alcatroada

E seguem-se três estrofes soltas de um poema da mesma autora que foi recitado na

comemoração da inauguração da rede pública de abastecimento de água aos domicílios, mas

que também ilustra a vivência quotidiana dos Fontanários:

Nós queremos agradecer

E o caso é principal

a quem a festa ajudou

e a todo o povo em geral

(7) junto das bicas da água

havia grande barulheira

agora no seu quintal

cozinha e casa-de-banho

têm água à sua maneira

(8) esta aldeia é pequenina

tem um nome elegante

antes da vida de cristo

era cidade galante

Época de construção Inaugurado em 3 de Novembro de 1975.

Tipo Depósito (reservatório) e fontanários com torneiras (desactivadas).

Funções Abastecimentos e usos domésticos das gentes da aldeia.

Qualidades atribuídas à água Água potável.

Estado de conservação O depósito está preservado, entretanto apropriado e conservado pelo clube de futebol; os fontanários não tiveram a mesma sorte, restam apenas vestígios de três, um deles foi reabilitado e mantém-se em uso (no Largo 1º de Maio), os restantes três perderam-se totalmente.

Localização O depósito é junto ao campo de futebol «no cabeço» e os fontanários estavam dispersos por lugares estratégicos da aldeia «histórica», dos que restam vestígios, encontram-se: um em frente do Café Parreira na Rua da Liberdade, outro na confluência da Rua 25 de Abril com a Rua 1º de Outubro, outro no Largo 1º de Maio e o restante no cimo da Rua das Pocinhas. Os fontanários de que já não há vestígios eram: um no início da subida da Rua 25 de Abril, outra no Largo Catarina Eufémia e o último num largo a meio da Rua Humberto Delgado.

GPS N 38° 46' 03,79" W 8° 02' 07,94"

*

* *

XVII POCINHAS

Nas Pocinhas deparamos-nos com a labuta das gentes da aldeia para se abastecerem de água. No ribeiro ao lado da nascente, quando a água lá corria, lavavam as mulheres no seu curso e plantavam agrião; cerca de 50 metros a montante da nascente havia um pequeno lavadouro

improvisado com algumas pedras para esfregar; nestas lavagens de roupa mencionadas as mulheres levavam alguidares de cortiça para usarem a água. A água das Pocinhas «*nos tempos antigos era também para beber só que ela era muito pouca e também era muito pequenina e o nascente também não era boa, nos últimos anos utilizavam para isso, para regar algumas flores, coisas do quintal, era isso assim...*» (João Luís Pé-Leve); «*[...] foi a aldeia que teve aí mais penador de água foi aqui, agente não tinha nada, tínhamos além uma Pocinhas, além onde tá aquela caixa, era um barranco, mas também era água daqui de trás da orelha [quer dizer muito boa], a minha sogra era onde ia sempre buscar para beber [...]*» (Ti Ana Lagarto); «*[...] as mulheres era onde ia tudo lavar, beber água ali onde tá aquela caixa, era uma fonte, era um barranco... o velho Amendoeira regava aqueles quintais todos, de madrugada agente passava para o trabalho, andava ele a regar... [...] aquela além [as Pocinhas] era um barranco, era gasta p'ra uns quintais, p'ra galinhas... era galinhas, era cães, tudo lá ia beber ao barranco, era os animais tudo lá ia beber ao barranco, cagar e mijar lá dentro, cá está não andava amanhado em condições...*» (Ti Carrasqueira). O lugar em que as Pocinhas estão hoje pode ser a sua grande distinção, há um parque com árvores a sul, no entanto está meio abandonado ao mato, só raramente vêm limpar tudo, o certo é que algumas das árvores secaram e o parque parece uma charneca de árvores exóticas com mato à volta. Cabe aqui referir que em 1992 com a construção do campo de tiro da aldeia (próximo das Pocinhas), ao escavarem a terra, descobriram uma nascente e canalizaram a água para uma baixa onde não incomodava e chegou a ter um chafariz onde beberam manadas de vacas, agora é só vegetação nesse lugar.

Época de construção O poço das Pocinhas data de 1997.

Tipo Foi nascente chafurda a céu aberto e actualmente é um poço de paredes em betão e com gargalo de forma quadrada, coberto com duas portas em ferro, onde estava instalada uma bomba manual para elevar a água, mas pouco tempo esteve no sítio.

Funções Usos domésticos; rega de quintais; bebedouro de gado; actualmente empregam-se outros usos à sua água, por exemplo, para lavagem de carros, uma vez que o espaço é atractivo para tal e ainda há alguns idosos que utilizam a sua água para regar durante o verão,

mas só através de esforço físico porque têm que elevar a água a braço e depois transportá-la em latas com carrinhos.

Qualidades atribuídas à água Foi água potável; actualmente ninguém bebe desta água; apesar de ficar com pouca água durante o verão, referem que mesmo se a água for tirada com frequência o nível da água recupera rapidamente.

Estado de conservação Preservada, perdeu a bomba manual de elevar água, restando só a armação.

Localização Na zona sueste da aldeia, junto ao polidesportivo.

GPS N 38° 46' 02,86" W 8° 01' 55,22"

*

* *

XVIII TANQUE DO POVO

Há também quem lhe chame «Tanque de Baixo» e «Pego de Baixo». É uma obra de engenharia hidráulica. Um conjunto de seis caixas com abóbadas, duas das quais eram poços com nascente, reúnem a água que, através da força da gravidade é transportada por galerias subterrâneas até chegar à bica e correr para o tanque; estas caixas estão em linha recta e há apenas uma delas que está em linha oblíqua em relação às outras; a autarquia terá imposto um dia de trabalho a cada homem da aldeia, mas: «[...] *como ganhavam mais dinheiro [os homens], metiam-me a mim, eu mais o pai do Mariano, andámos lá os dois a abrir o poço, pa eles não perderem, pagavam 16 escudos, parece-me que era 16 escudos que agente ganhava, eles ganhavam 19 ou não sei quanto é que eles ganhavam, não sei já... Andei lá, abri o poço e depois abri a vala até ao outro poço, aquela caixa além do meio era outro poço, era um poço antigo que era onde as mulheres iam lavar, tiravam água com um caldeiro, e depois daquele poço abria ca... outra vala até lá ó tanque [...] eu nessa vala furei lá um pé com um picareto!» (Ti Rocha, o seu pé recuperou) Há, portanto, uma história pré-tanque importante na*

labuta com a água: nesses poços antes de serem feitas as caixas, a água era utilizada para dar de beber a suínos que cada família engordava em chiqueiros junto às Pedras dos Milhanos a que já se aludiu; e onde também se improvisavam lavadouros da mesma forma mencionada nas Pocinhas. No curso do ribeiro que ainda corre ao lado do actual tanque e que corre contíguo às caixas, junto da pequena ponte, existiu outro lavadouro enquanto o actual era construído e desse ainda há alguns vestígios. O primeiro projecto do tanque data de 1939 (Lv. 85, fólio 97), esse projecto era para ter oito compartimentos individuais, ainda houve algumas correcções ao mesmo – porque não tinha caleira para escoar a água e o sabão e porque as torneiras estavam numa posição pouco prática – mas terá sido alterado para a forma que conhecemos hoje. No entanto de 1939 até 1947 não aparece nem uma referência nos livros das «Actas de vereações» sobre Santana do Campo, terão sido consequências da 2ª Guerra Mundial? É provável. Ainda é um lavadouro utilizado no quotidiano, mas por meia dúzia de mulheres, a generalidade lava a roupa em casa, só quando é algum tapete, ou roupa maior que não cabe nas máquinas é que recorrem ao tanque porque é espaçoso. Uma prova de que é ainda utilizado é a quantidade de pacotes de detergentes que são atirados para as imediações do tanque, revelando a pouca consciência do perigo ambiental das que praticam tais actos.

Época de construção Início da obra em 1944; a primeira fase do tanque é de cerca de 1965/66, ficou com 7 pedras de lavar; e a ultima fase das obras é do início da década de 80, ficou com 11 pedras.

Tipo Tanque rectangular com onze pedras lavadeiras; bica.

Funções Lavadouro.

Qualidades atribuídas à água Água potável, no entanto com algumas contra-indicações, uma é que a água tem sanguessugas e as pessoas que bebem a água dizem que a filtram com um pano de cozinha antes de ingerirem, a outra contra-indicação leva muita gente a recusar beber desta água, prende-se com o facto de que essas pessoas alegam que o lençol freático que alimenta o tanque recebe água da chuva que cai no cemitério da aldeia. A Ti Perpétua ainda bebe desta água: «[...] vou sempre lá à água, ainda não bebi da outra água [da rede]... bebo

sempre daquela água... e fez-me muito bem, que eu padecia muito dos rins e há muitos anos que não padeço dos rins...»

Estado de conservação Preservado; relativo abandono.

Localização A sul da aldeia, cerca de 150 metros, junto à antiga estrada municipal que liga a Arraiolos.

GPS N 38° 45' 57,73" W 8° 01' 47,25"

*

* *

XIX PONTE DA NORATA

Ponte romana. É um património cultural bastante enaltecido desde há muitas gerações. O pai da Ti Mariana dos Santos, Custódio dos Santos, num poema a elogiar a aldeia por altura da inauguração da iluminação eléctrica na aldeia (finais da década de 1960), dedicou uma estrofe à ponte:

A nossa Ponte da Norata
que tão bem se liberata (este verso não está confirmado)
fundação de tantos anos
foi antes da vida de Cristo
foi verdade tudo isto
foi feita pelos romanos.⁸

8 Sempre ouvi contar que onde hoje é Santana do Campo que «no tempo dos romanos era a cidade Calantica». Este assunto não escapa a Cunha Rivara (1983), citando académicos ilustres que repararam nas ruínas do templo; século I da nossa era aponta José d'Encarnação (2010) e atribui o seu culto à divindade indígena Carneus Calanticensis, tutelar de Calantica; através da observação do Anexo E (2), teriam os antigos construído o templo e Calantica também pelo carácter sagrado da água na cultura celta? Estrofe solta do mesmo poema citado, alusivo a Calantica:

Santana tem na periferia	serão teus velhos jazigos
um alicerce de cantaria	porque dizem os antigos
feito pela antiguidade	que em tempo foste cidade

Época de construção De acordo com asserções populares foi feita antes da vida de Cristo.

Tipo Um arco de volta perfeita sobre o leito da ribeira e mais uma abertura em cada extremidade para a ponte não rebentar com as cheias que já chegaram a galgar a ponte.

Estado de conservação Em relativo abandono.

Localização A sul da aldeia, a cerca de um quilómetro, no antigo troço da estrada municipal, sobre a Ribeira de Arraiolos.

GPS N 38° 45' 52,68" W 8° 01' 27,39"

3. NASCENTES D'ÁGUA

The world provides enough to satisfy everyman's need, but not enough for everyman's greed.

GANDHI

São evocados aspectos da relação humana com a água, no contexto do uso quotidiano das arcaicas infra-estruturas hidráulicas no local, comparando marcos significativos da história hidráulica da região. Depois seguimos uma perspectiva global sobre a água doce, deparamos-nos com o sentimento de habitar um planeta, onde a água é sensível, delicada e clama pela nossa atenção.

3.1. Água, Alentejo e hidráulica

A busca pela água é uma actividade humana de carácter primitivo como nos elucidou Leite de Vasconcelos. Porém, a par desta importância vital da água, temos complexas relações com ela.

A experiência da secura estival no Alentejo contribuiu para desenvolver a cultura da água das suas gentes através de uma luta sem tréguas e por vezes trágica pelo elemento precioso que é a água: «esta luta pela água só a compreende quem lhe sente a falta.» (Dias e Galhano, 1986: 18) Nem só os cursos de água secavam no verão, com excepção dos *pegos* das ribeiras principais, pois também em fontes e poços a água deixava de correr, complicando a vida às pessoas. Como vimos, com as barragens e represas a partir de 1960, a secura estival que caracterizava até então uma parte das relações humanas com a água, viria a alterar essas mesmas relações permitindo novos hábitos, os homens passaram a tomar banhos diários e as mulheres a ter mais água para lavagens de roupas, os trabalhos mudaram. Há que reparar que nessa altura em que as barragens se começaram a construir, os trabalhadores à jorna em geral começaram a trabalhar oito horas diárias, ao invés dos tempos anteriores quando os trabalhos no campo eram de sol a sol, ou seja, também começaram a auferir de tempo livre que ocuparam neste caso em práticas de higiene. Curioso este novo elemento introduzido na cultura alentejana que foi o elevado número de barragens, tudo tão recentemente...

Parte do complexo dos conhecimentos ecológicos tradicionais, são de certo modo os usos eficazes para as funções da época que espelham as arcaicas infra-estruturas hidráulicas na região, observa-se também nas policulturas de frutas e legumes nos *olharões* durante o verão sem recorrer ao regadio, nas heranças árabes das noras nas culturas irrigadas onde misturavam variedade de pomares e horta, nas gestões colectivas de cursos de água e fontes, mas também no uso dos objectos de barro para transportar e guardar a água, nas lavagens de roupa, nos banhos, na sobriedade gastronómica e por aí adiante, reparamos que há um sem fim de costumes, de saberes e de utilizações a que destinamos a água.

No Alentejo observamos uma longa história hidráulica, do século XVI temos o Aqueduto da Amoreira em Elvas e o refundado Aqueduto da Água da Prata em Évora como principais infra-estruturas do fornecimento de água às cidades. Legado do século I d. C. temos as termas romanas em Évora. Francisco Bilou reparou nos testemunhos que André de Resende deixou sobre a fundação romana do aqueduto de Évora, cuja água era proveniente de nascentes do Divor, descobriu provas arqueológicas do mesmo e observa a importância que os romanos prestavam à água:

Das diferentes soluções de captação utilizadas no abastecimento de água à cidade romana, a mais desejada e procurada era, naturalmente, a que provinha de aquíferos subterrâneos perenes e salubres. Foram os próprios tratadistas antigos que o sublinharam: “deverão procurar-se escolher as fontes, com grande diligência e indústria, tendo em vista a saúde da vida humana” (VITRÚVIO, VIII, 3, 28). (2010: 19)

Voltando aos tempos do renascimento e imediatos, proliferam as fontes monumentais nas cidades alentejanas. Consideremos apenas o Alentejo Central, além de Évora, temos, entre outras, Estremoz, Borba e Montemor-o-novo, cidades com chafarizes e fontes dignas do gosto e polimento urbano da época, adornadas com gárgulas, carrancas e alegorias aquáticas, isto um pouco ao invés do que encontramos em Arraiolos e nas aldeias da freguesia, onde as fontes, tendo cada uma os seus elementos distintos, denotam alguma uniformidade nos seus traços simples e rústicos, talvez porque são construções da primeira metade do século XX que proliferaram derivado de uma reforma higienista protagonizada pelas instituições do Estado

Novo, excepto a *sui generis* Fonte da Pedra que é um monumento – digna do epíteto – erigida em 1827.

É uma parte da história social que nestas infra-estruturas hidráulicas está inscrita: depositada nas memórias individuais e colectivas; repositório de significados em cada pedra e lápide; os caminhos repletos de vivências; nas imediações um vislumbre do que foi a labuta humana; traços culturais nas paisagens em que estão imersas; biodiversidade que alimentam; o próprio correr da água, os sons que emite; sendo estas dimensões do que a água une, das infra-estruturas hidráulicas e da identidade local que é construída nas relações sociais com a água, são caminhos da água.

3.2. Clamor da água

We face a world which is threatened not only with disorganization of many kinds, but also with the destruction of its environment, and we, today, are still unable to think clearly about the relations between an organism and its environment.

GREGORY BATESON, 1972: 454 - 455

Passaram quase quatro décadas que Bateson sentenciou que nas sociedades urbanas e industriais estávamos incapazes de pensar claramente sobre as relações ecológicas. Entretanto isso mudou: «We have now data and information at global scale that has begun to alert us to the magnitude and seriousness of the processes we have unleashed.» (Moran, 2006: 2) Há hoje muitos profissionais dedicados aos estudos dos assuntos ecológicos, bem como activistas da ecologia e assistimos a uma mediatização dos extremos da água, secas e inundações, por vezes de forma arrasadora, a que assistimos com alguma frequência no nosso quotidiano.

De toda a água existente no nosso planeta, apenas há cerca de 3 % de água doce, distribuída por glaciares, rios, aquíferos subterrâneos, pântanos, lagos, entre outros.¹ O problema da água é, no geral, a sua inquinação, pois a água que hoje existe é a mesma que sempre existiu e o volume de moléculas de H₂O não vai diminuir, porque o ciclo da água é fechado e estável².

1 <http://ga.water.usgs.gov/edu/waterdistribution.html> (acedido em: 8/9/2011)

2 <http://ecoviagem.uol.com.br/fique-por-dentro/artigos/meio-ambiente/a-agua-e-a-essencia-da-vida->

Um nexa entre pobreza e água foi apontado nos últimos 50 anos a partir da ONU, a par de uma perspectiva a partir dos anos 1980 do valor da água como bem económico: «A escassez de água é um termo que relaciona a disponibilidade de água com o seu uso, implicando que regiões com extensos recursos hídricos possam ter falta dela.» (Kulindwa e Lein, 2010: 31) E «Estas políticas provocaram o aumento da exclusão dos mais pobres e têm tornado comunidades inteiras vulneráveis a doenças transmitidas pela água.» (Hemson, 2010: 68) Como sabemos, em sociedades «desenvolvidas» basta abrir a torneira e a água tratada por técnicos corre, ela serve os seus utentes e segue pelo seu comportamento mecânico os seus caminhos. Contudo, «a água deverá fazer cada vez mais parte da diplomacia orientada pelo objectivo ecuménico do desenvolvimento sustentável.» (Soromenho Marques, 2010: 24) O tom do problema global da água deve ser o do futuro da vida a bordo do planeta Terra.

Numa perspectiva ecológica:

A água é, na verdade, um composto tão ubíquo como condicionante de todos os fenómenos da vida, dada a necessidade que dela tem todo o protoplasma; basta ter presente que as plantas sequiosas se tornam inaptas a realizar a fotossíntese; a água está incessantemente a «passar», a «servir» sucessivamente, uns após outros e muitos ao mesmo tempo, os seus numerosos «clientes», a tal ponto que foi calculado haver sempre 1 molécula de água em cada 15 que está a mudar de estado, de lugar, de função; é, por isso mesmo, evidente que o homem se encontrará perante dificuldades sempre que extrair água dos respectivos lençóis a ritmo superior àquele com que eles se renovam.

(Barros, 1982: 69)

Encaramos problemas globais das águas na actualidade que se prendem com usos perniciosos e que provocam a eutroficação, que poderemos observar:

[...] no modo de proceder do produtor e do consumidor contemporâneos: 1) a não utilização do solo para exercer uma função que só ele está apto a desempenhar, a de filtrador, retentor e depurador da matéria orgânica resultante das dejeções do homem e

6352.asp (acedido em: 8/9/2011)

dos animais, bem como dos resíduos orgânicos das indústrias, das cozinhas, etc.; 2) a emissão directa de substâncias químicas para as linhas de água pelas mais diversas indústrias; 3) a crescente utilização pela indústria, pela agricultura e pelo consumidor de substâncias químicas não bio-degradáveis. (Barros, 1982: 105)

Sobretudo a partir da segunda metade do século passado:

Com a "Revolução Verde" não só se abarrotou a Biosfera de produtos altamente tóxicos (agroquímicos e pesticidas) de tal modo que, praticamente, a água e todos os alimentos estão "envenenados" em todo o Globo, como também não se resolveu o problema da fome. (Paiva, 2001: 133)

Estas práticas são um resultado: «The idea of an environment that is actually controllable by humans is uniquely a modernist concept.» (Berkes, 2008: 39) Este autor citado, refere ainda:

These changes in resource and environmental management science should not be seen in isolation. Rather, they should be regarded in the larger context of a great transformation of society and values that characterized the period after the seventeenth century, the period of the Enlightenment. The development of positivist-reductionist science was closely linked to the emergence of industrialization and to economic theories of both capitalism and communism. (2008: 266)

Tim Ingold, antropólogo, desconstruindo e ultrapassando este paradigma positivista e reducionista e as dicotomias que veicula, como por exemplo cultura vs natureza, observa que os seres existem em relação no meio-ambiente e é com vínculos que vivemos, numa malha holística, onde tudo está ligado: «within a weather-world in which every being is destined to combine wind, rain, sunshine, and earth in the continuation of its own existence.» (2007: 521)

Como resposta ao antropocentrismo que caracteriza a perspectiva de dominação da natureza a que aludimos, há perspectivas sob ecocentrismo elaboradas nas últimas décadas. «Desde logo, esse mundo que tratámos como um *objecto* torna-se um *sujeito*, capaz de se vingar: destruído, poluído, maltratado, é ele que hoje, por sua vez, ameaça dominar-nos.» (Ferry,

1993: 117) Este autor refere que como na Revolução Francesa houve um contrato social, precisamos agora de um contrato natural, de uma simbiose com a natureza. A natureza é então dotada de valor intrínseco, e assim torna-se *sujeito* de direito.

Ora, ao aprendermos com os conhecimentos ecológicos tradicionais mantidos até aos nossos dias, mesmo que através de memórias como em Arraiolos e aldeias periféricas, cabe-nos reflectir o que podemos colher nessas sabedorias ancestrais para as nossas condutas éticas: «A água, o símbolo comum da humanidade, respeitada e valorizada em todas as religiões e culturas, tornou-se também um símbolo da equidade social, pois a crise da água é sobretudo de distribuição, conhecimento e recursos, e não de escassez absoluta.» (Selborn, 2001: 23)

Muitos são os problemas da água e os contextos são diversificados. A água reúne e divide. «Anthropology, geography and the other social sciences have a role to play in valuing local cultures and in showing how those ways of relating to nature are more attuned to the needs of our place within nature.» (Moran, 2006: 162)

CONCLUSÃO

Na disciplina antropológica vários autores se dedicaram ao estudo das relações humanas com a água, pelo que apenas se evocaram aqueles que considerei relevantes para os assuntos que são tratados na memórias da água na freguesia de Arraiolos e nos apontamentos para um inventário das infra-estruturas hidráulicas. Com o mesmo intuito tratei as orientações teóricas que foram estratégicas para a elaboração deste trabalho.

Ao longo da exposição etnográfica ficou vincada a complexidade e infinidade das relações humanas com a água. Foi crucial a definição de conhecimentos ecológicos tradicionais para uma coerência na organização das informações partilhadas pelas pessoas que aceitaram participar nesta investigação. Apesar de apenas haver uma parte com o título «conhecimentos ecológicos tradicionais: etnohidrologia», onde estão aquelas passagens mais marcadas por saberes, todavia, é nítida a presença de saberes que podemos compreender também como conhecimentos ecológicos tradicionais da água em outras memórias etnográficas.

Observamos que na freguesia de Arraiolos há uma diversidade de infra-estruturas hidráulicas com funções heterogéneas, com uma tipologia cujo protótipo se poderá entrever na Fonte da Arregaça, mas que no geral representam a salubridade e uma eficiência dos usos da água na época em que não havia abastecimentos de água aos domicílios. Actualmente muitas destas fontes, poços, tanques, chafarizes que tratámos, estão em estado de abandono, algumas atingem as ruínas e são cobertas por silvas ou juncos, outras são bastante enaltecidas.

Reparamos no último capítulo que há uma antiga história hidráulica na região Alentejo e que nas zonas rurais da região existem bens hidráulicos arcaicos dignos da nossa atenção nos tempos actuais, tanto pelo aparato de alguns, como pelo gosto dos antepassados, como pela forma como se relacionavam com a água e a identidade que transmitem dos locais e suas gentes. Estes assuntos foram tratados para termos uma perspectiva panorâmica da água e terminarmos com algumas questões dos problemas globais da água, sobretudo na expectativa de que a partir de uma detida reflexão sobre estes assuntos considerados fundamentais sobre as relações humanas com a água e a natureza possamos pensar éticas dos usos da água doce.

FONTES

Fontes manuscritas:

Arquivo Histórico Municipal de Arraiolos, Livros de Actas de vereações, foram consultados de 1927 a 1948 e alguns avulsos.

Imprensa local:

O Imparcial d'Arrayolos	08/Novembro/1897 a 18/Dezembro/1901
Nun'Alvares	24/Janeiro/1935 a 23/Janeiro/1936
O Arraiolense	16/Abril/1936 a 10/Abril/1943

Fontes orais¹:

Ana Lagarto	87 anos	Ti Ana Lagarto
António Cerzeira	79	Ti Cerzeira
Eduardo Carrasqueira	74	Ti Carrasqueira
Elisiário Ramos	81	Ti Elisiário
João Luís Pé-Leve	61	João Luís
Joaquim Augusto Pombinho	59	Joaquim Augusto
Joaquim Coelho	81	Ti Coelho
Manuel Rocha	82	Ti Rocha
Mariana dos Santos	72	Ti Mariana dos Santos
Martinho do Carmo	76	Ti Martinho do Carmo
Perpétua Comendinha	73	Ti Perpétua
Possidonio Lopes	70	Ti Possidonio
Sebastião Tim-Tim	61	Ti Sebastião

1 Ainda que o anonimato dos participantes seja uma regra em antropologia, tendo em conta as circunstâncias deste trabalho, em que a topografia é identificada, bem como as infra-estruturas hidráulicas estudadas, optou-se por mencionar os verdadeiros nomes das pessoas participantes.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, Maria Antónia Pires de, 2006, *A Revolução no Alentejo*, Lisboa, ICS, Imprensa de Ciências Sociais;
- Barros, Henrique de, 1981, *Economia e Ecologia, dois textos*, Lisboa, Livros Horizonte;
- Bastos, Cristiana, 2003, «Comentário: Antropologias Saindo da Água», Lisboa, Etnográfica, VII (1), pp. 3 – 12;
- Bateson, Gregory, 1972, *Steps to an Ecology of Mind: collected essays in anthropology, psychiatry, evolution and epistemology*, Northvale, Jason Aronson;
- Berkes, Fikret, 2008, *Sacred Ecology*, New York, Routledge;
- Bilou, Francisco, 2010, *A Refundação do Aqueduto da Água da Prata, em Évora 1533 – 1537*, Lisboa, Colibri;
- Borges, José, 2009, *As Sombras de Valbom, s.l.*, Câmara Municipal de Arraiolos;
- Carvalho, Lino de, 2004, *Reforma Agrária, da utopia à realidade*, Porto, Campo das Letras;
- Cutileiro, José, 1977, *Ricos e Pobres no Alentejo*, Lisboa, Sá da Costa;
- d'Encarnação, José, 2010, «Divindades indígenas, os númenes das nossas raízes», em Bruno Lopes (org.), *Conversas à volta de Santana do Campo*, Lisboa, Associação Social Unidos de Santana do Campo;
- Dias, Jorge, e Fernando Galhano, 1986 (1953), *Aparelhos de Elevar a Água de Rega*, Lisboa, Publicações Dom Quixote;
- Dundes, Alan, 1980, «Wet and Dry, the Evil Eye», em *Interpreting Folklore*, Bloomington: Indiana University Press;
- Espanca, Túlio, 1975, *Inventário Artístico de Portugal: Distrito de Évora: Concelho de Arraiolos*, Lisboa, Sociedade Nacional de Belas-Artes;

- Ferry, Luc, 1993 (1992), *A Nova Ordem Ecológica*, Porto, Edições Asa;
- Fonseca, Jorge, 2001, *O Foral Manuelino de Arraiolos, estudo e transcrição*, Setúbal, Câmara Municipal de Arraiolos;
- Freixa, Daniel, 2010, «Usos e Costumes do Forno do Pão de Santana do Campo», em Bruno Lopes (org.), *Conversas à volta de Santana do Campo*, Lisboa, Associação Social Unidos de Santana do Campo;
- Hemson, David, 2010 (2008), «Água para todos: das promessas firmes ao “novo realismo”?»», em Hemson, David, Kassim Kulindwa, Haakon Lein e Adolfo Mascarenhas (coord.), *Pobreza e Água, Relações recíprocas*, Cascais, Sururu;
- Ingold, Tim, 2007, «Earth, Sky, Wind, and Weather», *Journal of the Royal Anthropological Institute*, vol. 13, pp. 19 – 38;
- Kulindwa, Kassim e Haakon Lein, 2010 (2008), «Água e pobreza: o nexó inextrincável», em Hemson, David, Kassim Kulindwa, Haakon Lein e Adolfo Mascarenhas (coord.), *Pobreza e Água, Relações recíprocas*, Cascais, Sururu;
- Lawrence, Denise L., 1988, «Menstrual Politics: Women and Pigs in Rural Portugal», em Thomas Buckley and Alma Gottlieb (org.), *Blood Magic: The Anthropology of Menstruation*, Berkeley, University of California Press.
- Lévi-Strauss, Claude, 2001 (1950), «Introdução», em Marcel Mauss, *Ensaio Sobre a Dádiva*, Lisboa, Edições 70;
- Marques, Viriato Soromenho, 2010 (2008), «Prefácio», em Hemson, David, Kassim Kulindwa, Haakon Lein e Adolfo Mascarenhas (coord.), *Pobreza e Água, Relações recíprocas*, Cascais, Sururu;
- Moran, Emilio F., 2006, *People and Nature: an introduction to human ecological relations*, Oxford, Blackwell;
- Paiva, Jorge, 2001, «A Relevância do Património Natural», Porto, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 41 (1-2), pp. 127 – 134;
- Pedroso, Consiglieri, 1988, «Algumas Superstições e Crenças Populares relativas à Noite e ao Dia de São João», em *Contribuições para uma mitologia popular portuguesa e*

- outros escritos etnográficos*, Lisboa, Publicações Dom Quixote;
- Peixoto, António Augusto da Rocha, 1990, «O S. João», em *Etnografia portuguesa: obra etnográfica completa*, Lisboa, Publicações Dom Quixote;
- Picão, José da Silva, 1983 (1903), *Através dos Campos, usos e costumes agrícolas alentejanos*, Lisboa, Publicações Dom Quixote;
- Ribeiro, Orlando, 1998, *Portugal, O Mediterrâneo e o Atlântico*, Lisboa, Sá da Costa;
- Rivara, Joaquim Heliodoro da Cunha, 1983 (I), 1985 (II), 1991 (III), *Memórias da Villa de Arrayolos, s.l*, Câmara Municipal de Arraiolos;
- Salgueiro, José, 2005, *Ervas, Usos e Saberes, plantas medicinais no Alentejo e outros produtos naturais*, Lisboa, Colibri;
- Saramago, José, 2008, *Levantado do Chão*, Lisboa, Caminho;
- Selborne, Lord, 2001, *A Ética do Uso da Água Doce: um levantamento*, Brasília, UNESCO;
- Simon Schama, 1996, *Paisagem e Memória*, São Paulo, Companhia das Letras;
- Vacas, Mário Nunes, 2000 (1944), *Aspectos Antropogeográficos do Alentejo*, Lisboa, Colibri;
- Vasconcelos, José Leite de, 1980, *Etnografia portuguesa: tentame de sistematização*, vol. II, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda;
- Vasconcelos, José Leite de, 1982, *Etnografia portuguesa: tentame de sistematização*, vol. V, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda;
- Vasconcelos, José Leite de, 1986, *Tradições Populares de Portugal*, org. de M. Viegas Guerreiro, Vila da Maia, Imprensa Nacional Casa da Moeda.

ANEXO A

Barragens da freguesia de Arraiolos

Até 1973 havia 11 barragens, mais a Barragem do Divor (a primeira a ser construída na zona):

Barragem de Vale de Anta

Barragens, quatro, na Herdade dos Concelhos

Barragem Pequena, está um poço dentro da barragem.

Barragem do Meio

Barragem Grande

Barragem da Adua

Barragem da Mousinha Nova

Barragem das Oliveiras

De 1973 até ao presente há mais 45, mais a Barragem dos Minutos:

Barragem do Borcalinho, aquela área ali chamavam o Borcalinho, a fonte do Padre fica próximo, na estrema do Godeal, onde iam buscar água para o Monte do Mariano.

Barragem da Cristina, filha de José de Melo.

Barragem do Pinga-Pinga, há uma fonte próximo que é a fonte do Pinga-Pinga, considerada uma água com excelente qualidade.

Barragem da Lebre, submergiu uma fonte que se chamava a fonte da Lebre.

Barragem de Fretes

Barragem do Quarenta, o Quarenta era um proprietário, havia muitos medronheiros no vale.

Barragem, muito pequena entre a do Quarenta e a Pequena.

Barragem da Granja

Barragem da Almoinha, foi acrescentada, a primeira parede está ao meio.

Barragem do Alcarou de Cima, à volta, tipo satélites, há cinco presas pequenas.

Barragens de Vale de Paio, duas, junto à linha do comboio.

Barragem da Courelinha, na Courela do Lobo, mais duas para o lado dos Concelhos e mais

três para o lado da estrada que vai para a Aldeia da Serra.

Barragem da Laranjeira

Barragens da Falcoeira, duas.

Barragem perto do Moinho do Rebocho

Barragem dos Touros

Barragem das Vacas

Barragem do Valanche, a norte da Barragem da Adua

Barragem da Azelhaguinha, do lado de baixo do Monte do Pequito, quase junto à ribeira, vai sair à tramagueira grande, uma árvore grande que está na berma da ribeira, é parecida ao salgueiro.

Barragens da Amendoeira, duas.

Barragem do Monte Velho

Barragens, três, na terra da Adoinha, é a Barragem dos Choupos e...

Barragem da Água de Santana do Campo

Barragem do Cerqueiro, na herdade da Adua, na vargem da ribeira está um cerqueiro grande, árvore que é uma qualidade de azinheira, donde a barragem herdou o nome.

Barragem das Coelhas, tem um poço submerso.

Represa do Monte da Fonte Ruivo, há lá próximo uma fonte com este nome.

Barragem dos Colos de Baixo

Represa dos Colos de Cima

Barragem da Fonte da Mestra, está a fonte a montante.

Barragem do Cortiço, entre a barragem da fonte da Mestra e a represa dos Colos de Cima, mais acima está a fonte do Cortiço.

Presas junto à Horta da Barbilheira

Presas do Monte dos Palheiros

Barragem da Oleirita

Barragem do Olival

Barragem do Porto

Presas, duas, junto ao Monte do Figueiral

Barragens, três, na Herdade do Vale de Melão de Cima (uma é a da Malhada)

ANEXO B

Reprodução da aguarela de Dordio Gomes intitulada «Noite de São João»



ANEXO C

Aparelho de elevar a água na Praça da República



Fonte: Audiovisuais da Câmara Municipal de Arraiolos.

ANEXO D

Fonte da Arregaça

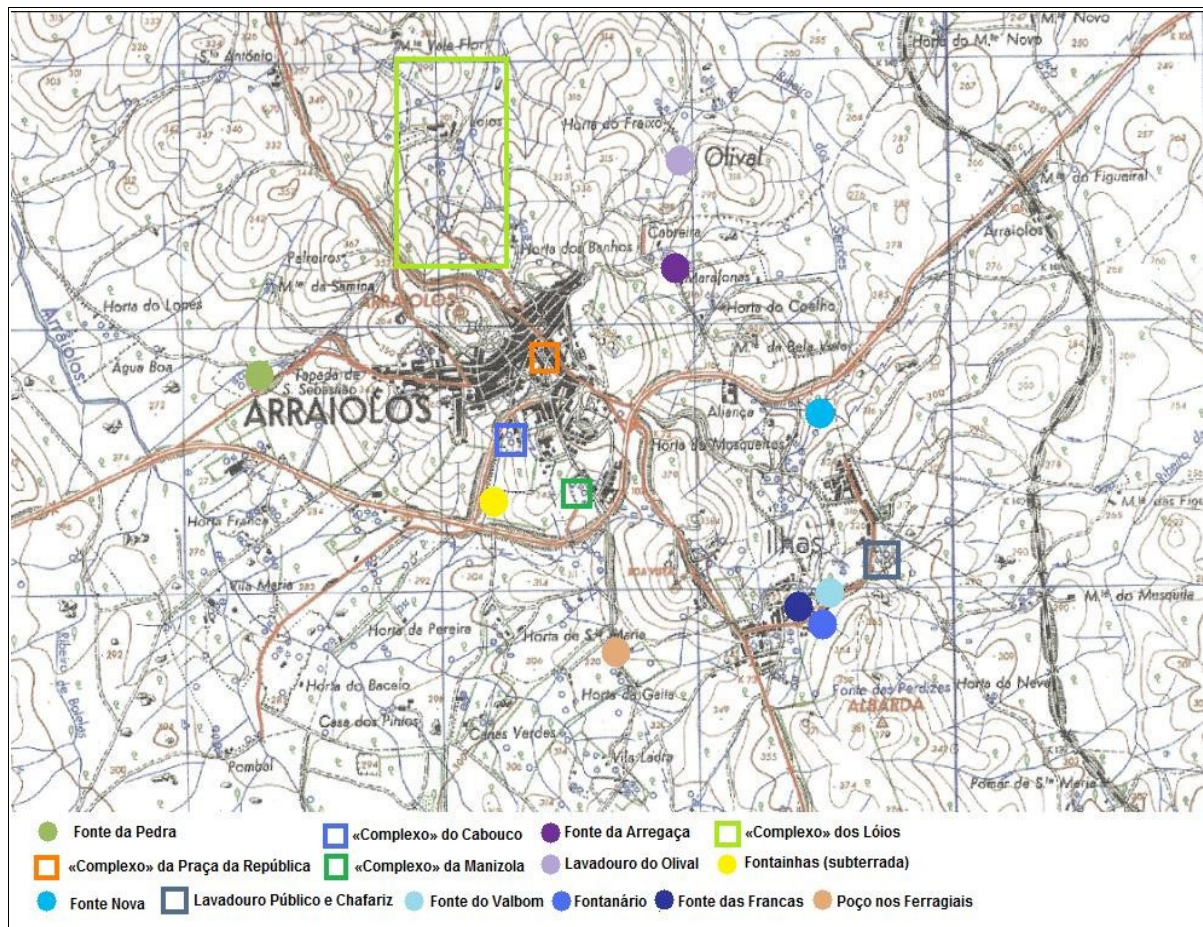


Fonte: Audioviduais da Câmara Municipal de Arraiolos.

ANEXO E

Identificação das infra-estruturas hidráulicas na carta militar

1



2

